

*Uma campanha
difícil
espera o VASCO*

O GLOBO
SPORTIVO
Nº 636 ★ ANO XIII



Cr\$ 3,00
★

Waldemar DE BRITTO

NO TEMPO DE LEONIDAS HAVIA QUEM APONTAS-SE WALDEMAR DE BRITTO COMO O MAIOR FORWARD BRASILEIRO.

70 GOALS!

NO RIO-SÃO PAULO DE 33, QUE INALIGUROU O PROFISSIONALISMO, WALDEMAR DE BRITTO MARCOU SETENTA GOALS, UM RECORD DIFICILMENTE SUPERAVEL. TINHA TAL AGILIDADE, QUE SO' SE PODIA MARCA-LO NA VIOLENCIA. DESDE QUE COMEÇOU A JOGAR WALDEMAR FOI A VITIMA DOS HALFS QUE NÃO PODIAM MARCA-LO



QUANDO ESTREOU NO CAMPEONATO ARGENTINO DECIDIU A PARTIDA A FAVOR DO SAN LORENZO DE ALMAGRO, O CLUBE QUE FÔRA DE PETRONILHO, SEU IRMÃO, MAIS NÃO ACABOU O MATCH. A CONTUSÃO FOI TÃO SERIA QUE WALDEMAR FOI DADO COMO INUTILIZADO PARA O FOOTBALL. O SAN LORENZO FICOU ESPERANDO POR ELE ANOS.



VOLTOU A JOGAR NO FLAMENGO E EMBORA BRILHASSE AO LADO DE LEONIDAS, JÁ NÃO ERA O MESMO AS SUAS CELEBRES CANELAS DE VIDRO, ESTAVAM MAIS DO QUE NUNCA A MERCE DOS PONTA-PES...

Uma campanha DIFÍCIL espera o VASCO

de RICARDO SERRAN

Difícil? Muito difícil, sim. Enfrenta antes do fim do primeiro semestre a tarefa de defender, juntamente com o Palmeiras, o prestígio do futebol brasileiro no Torneio Mundial dos Clubes Campeões. Representante dos cariocas, o Vasco terá pela frente as mais categorizadas equipes da Europa e da América do Sul, entre elas a do Tottenham de Londres, o Milan, o Nacional de Montevidéu, o Hibernian da Escócia, o Sporting de Lisboa e o campeão da Espanha, onde o Sevilla e o Atlético de Madri disputam o título. Albert Laurence, jornalista experimentado do Velho Mundo, ora radicado em nosso país, já tem apresentado aos nossos leitores o valor dos quadros que nos visitarão. Um ano depois da disputa da Taça Jules Rimet, as atenções do mundo footballístico voltarão novamente para o Maracanã. E o Vasco, com a responsabilidade de ser o bi-campeão da capital do país e por possuir oito scratchmen brasileiros, surge para os observadores estrangeiros como o grande favorito. Se olharmos para o Vasco bi-campeão, quase que se poderia esperar pelo certame sem maiores preocupações. Há, porém, outro Vasco, um Vasco mais recente para dar dor de cabeça a torcida nacional. É o quadro que encerrou o Rio-São Paulo em penúltimo lugar, descontrolado e ganhando apenas um dos sete compromissos. A saída de Flavio Costa, pelo que se viu no certame interestadual, exerceu influência maior do que a esperada. A defesa, que era praticamente a retaguarda da seleção, foi vazada dezoito vezes em sete jogos, enquanto o ataque, a ofensiva arrasadora, entregava praticamente a Ademir a missão de obter goals. Quinze ao todo, nove por conta do famoso atacante pernambucano. Até o início do Torneio Mundial ainda há tempo para os retoques necessários, porém a torcida não sabe se o Vasco voltará aos tempos brilhantes ou apenas começa um novo 1946. Lembrem-se, quando como melhor quadro (por valores individuais) foi o quinto colocado no campeonato carioca, obrigando a realização do célebre Super? Afirma-se que o time está cansado e que Otto Glória precisa de tempo para armar a equipe. O "test" do Rio-São Paulo foi negativo e agora vamos ver, depois do descanso em Cambuquira, se o Torneio Mundial vai ser apenas outro "test".

Os vascaínos, os que vetaram a idéia já quase concretizada da excursão à Suécia, alegaram que o time precisava descansar. Primeiro pelo Torneio Mundial dos Clubes Campeões, que até gostariam de pedir dispensa, depois pelo campeonato carioca. Para os cruzmaltinos não um simples campeonato carioca, já que poderá oferecer a São Januário um título que somente Fluminense e Flamengo possuem no Rio. O time, que há tantos anos é o melhor da cidade — em que pese os furos do Flamengo, Fluminense e Botafogo nos anos pares de 44, 46 e 48 — depois do bi, quer ter o direito do terceiro consecutivo. Crack por crack, hoje e mesmo amanhã, não há como duvidar das possibilidades do Vasco para realizar a justa pretensão. Há poucos como Barbosa, Augusto, Ely, Danilo, Manéca, Ademir e Dejour. Os outros, por sua vez, não estariam mal colocados num "ranking" honesto de players. Com o seu "plantel" invejável, o Vasco de 1951

(Na CAPA — Eli, um dos esteios do quadro vascaíno)

não está exigindo muito com a idéia do tri-campeonato. Os obstáculos, porém, são muitos. Não bastasse o que também querem Flamengo, Botafogo, América, Fluminense e outros, há qualquer coisa entre o time de cracks e o time-conjunto, que desafia o entendimento. Escrevemos sobre a influência da saída de Flavio Costa, mas como fato consumado o destino da equipe não poderá ficar condicionado ao retorno do selecionador nacional. Otto Glória é uma experiência, a prova é que os dirigentes vascaínos afirmam não poder deixar de ser feita. E Otto Glória, no caso, é o que menos pode ser responsável pelos acontecimentos, envolvido que foi pela onda de fatores adversos. Além dos problemas todos que aparecem na mudança de orientação técnica, há o donsebastianismo que não se oculta, que está na torcida e entre alguns dos que podem realmente falar em nome do Vasco. Definindo-se por Otto Glória, que foi lançado numa fogueira, o Vasco tem que conquistar a sua primeira vitória dentro de casa. Nunca precisou tanto de união, de colaboração entre torcedores, dirigentes e cracks. Uma tarefa difícil que espera o Vasco, muito mais difícil do que a competição mundial e a disputa do campeonato carioca. A volta aos dias que não vão longe pode e deve ser tentada pelos vascaínos. O resto, acreditem, será quase como rotina. Existem os cracks e eles saberão como derrotar os adversários de fora.

NA CONTRA-CAPA:

O SALTADOR E A BAILARINA — Milton Busin ratificou nos jogos Pan-Americanos de Buenos Aires a sua condição de melhor saltador da América do Sul. Embora classificando-se em quinto lugar, atrás dos mexicanos, foi o primeiro sul-americano. Vêmo-lo ao lado de uma das estrelas do "ballet aquático", que se exibiu no certame internacional.

O GLOBO SPORTIVO

Diretores: ROBERTO MARINHO e MARIO RODRIGUES FILHO Superintendente: HENRIQUE TAVARES Gerente: RUBENS DE OLIVEIRA	Secretário: ARTHUR THOMAZI Serviço fotográfico de: INDAIASSÚ LEITE e colaboração dos ilustradores: OTÉLO, VASQUEZ e GUTEMBERG
NÚMERO AVULSO: Cr\$ 3,00 ASSINATURAS PARA TODO O PAÍS — porte registrado: semestral: Cr\$ 80,00 — e	anual Cr\$ 156,00; porte simples: semestral, Cr\$ 70,00 e anual Cr\$ 130,00.

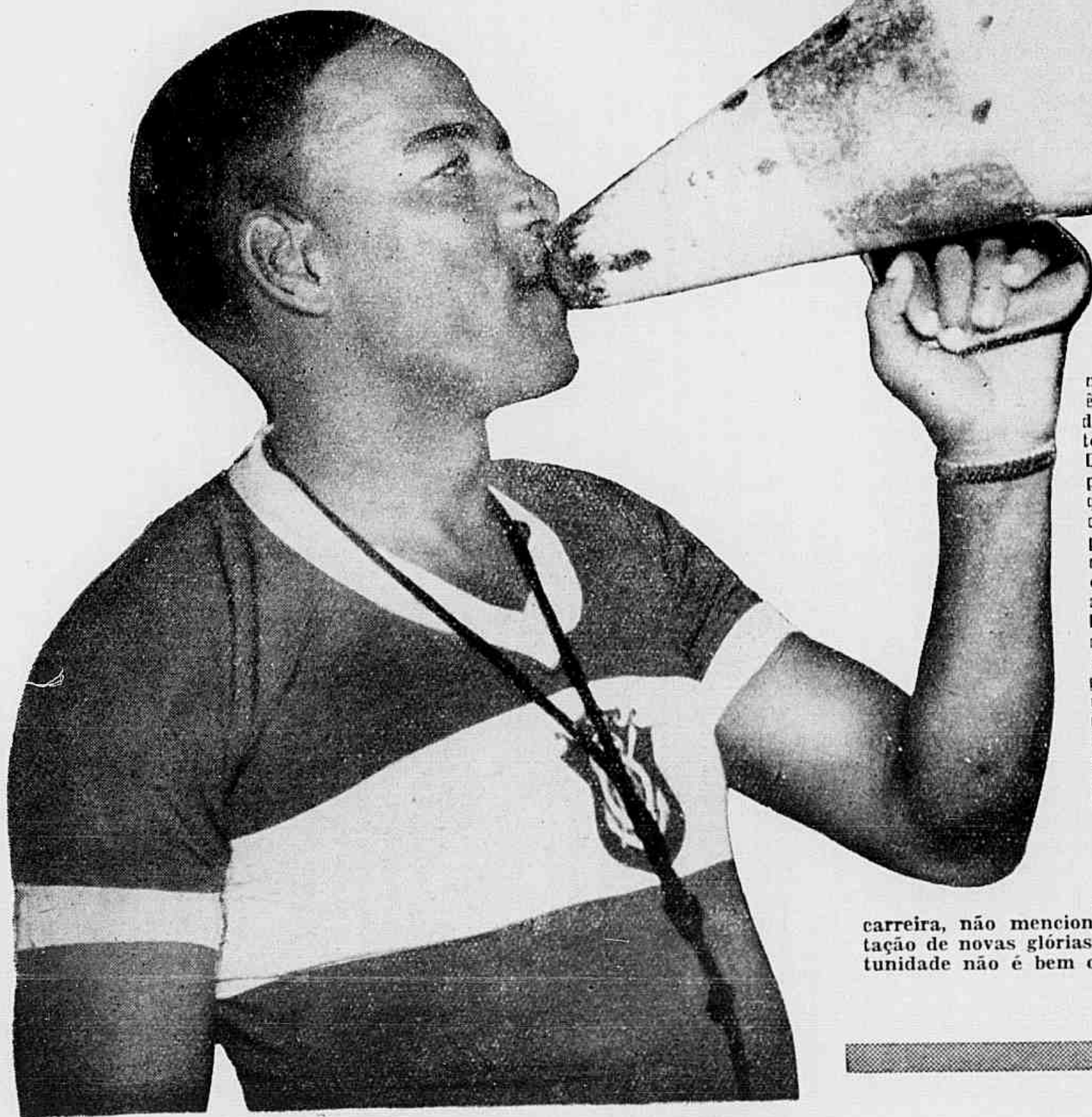
TODOS os detalhes da vida esportiva de Domingos já foram esmiuçados e os leitores em sua maioria guardam na memória a sequência de sucessos e incidentes de que foi fértil a carreira do maior zagueiro brasileiro. Entretanto, se voltamos a nos ocupar de Domingos, será por uma faceta ainda pouco conhecida, qual seja a sua atividade depois que abandonou o futebol ou melhor o seu ingresso numa nova carreira do futebol: a de técnico. E, paralelo com o interesse público que ainda desperta o grande crack, corre ainda a questão do aproveitamento de grandes jogadores na função de técnico de futebol. Não é coisa nova e muitos renomados astros do futebol, postas de lado as shootearias, insistem em não se divorciar do futebol, correndo então para o único caminho aberto, que é a preparação de equipes. A lógica seria que o grande jogador, exímio controlador da pelota e senhor de todos os segredos do association, aplicando esses fartos conhecimentos no preparo de outros cracks obtivesse um resultado à altura das suas qualidades reais como jogador.

DOMINGOS E A ESPERANÇA DE NOVA FAMA

Domingos, o famoso Da Guia, depois que, ponderando muito sobre o assunto, resolveu aceitar o convite do Olaria e assumiu a responsabilidade de dirigir uma equipe de profissionais, já havia balanceado os prós e contras. Mais contras, na certa, pois o que ele está fazendo, muitos outros tentaram e até hoje não surgiu de um grande crack, um grande técnico. Muitos fracassaram completamente, outros ainda são dos nossos dias e realizam trabalho proveitoso. Mas nenhum conseguiu fazer nome como técnico, como fizera jogando futebol, enquanto jogadores medíocres têm obtido sucesso quando lançados à frente das equipes.

Muitos pensarão: com Domingos será diferente, porque Domingos tinha uma técnica perfeita e é impossível faltar-lhe capacidade para aplicá-la com sucesso, mostrando aos pupilos como se resolvem as situações de jogo, ele não tinha problemas insolúveis, mesmo quando tudo parecia perdido. O próprio Da Guia confessa que tem esperanças no seu novo futuro... Sabe que pode transmitir o que aprendeu durante anos e anos de farta experiência. Na sua opinião, se até hoje não tivemos um técnico surgido em situação idêntica, por certo ocorreram circunstâncias capazes de ocasionar o fracasso que, sem embargo, seria no caso, o de qualquer um, ex-jogador ou não. Por isso,

A experiência do mestre DOMINGOS



O megafone ajuda às vezes a Domingos a transmitir as observações aos jogadores

não creê ele que haja impossibilidade de êxito entre funções de tamanha identidade, tudo correndo por conta de outros fatores. E procurando ilustrar sua teoria, Domingos lembrou o célebre tri-campeonato do Flamengo, em que Flávio conquistou uma glória que até então era exclusiva do Fluminense: "Teria Flávio a projeção que hoje desfruta, se uma série de fatores importantes não tivessem colaborado para aquela vitória que lhe abriu de todo o caminho para a glória?" E Domingos mesmo responde: "É claro que por mais competente que Flávio fosse, e até hoje isso acontece, veria malogrados seus esforços se o clube não fosse um bloco só pelejando por um objetivo único. Todos devem estar lembrados do trabalho harmônico de Flávio no team e Curvello na organização técnica, que resultou numa força invencível no caminho do título ambicionado".

A DECISAO LEVOU UM ANO

Quando explicamos que Domingos pensou muito antes de se decidir para a nova carreira, não mencionamos o tempo que mediou entre a tentação de novas glórias e aceitação de uma oportunidade. Oportunidade não é bem o termo, porque Domingos não andou em

busca da situação que hoje desfruta. Muito ao contrário, chegou a recusar o lugar de técnico do Bangú. Um dia, logo após o seu retorno ao grêmio alvi-rubro que o viu nascer para o futebol, teve ele o oferecimento do cargo de tão elevada expressão. Voltando para acabar seu jôgo no clube de velhos amigos, passou algum tempo, ora jogando a espaços no quadro, ora orientando alguns garôtos banguenses nas primeiras lições da pelota. Isto em princípios de quarenta e nove, quando a direção técnica de então decidiu formar a zaga Rafanelli-Domingos, para que o excelente zagueiro argentino seria forçado a alterar seu habitual sistema de jôgo. Mas para não forçar Rafanelli a um sacrifício que nenhuma compensação lhe traria, Domingos preferiu desistir da idéia, dando-se aí o seu total afastamento da bola. Em face da situação, o Sr. Guilherme da Silveira Filho, não querendo ver desaproveitados os conhecimentos do jogador fez a proposta que honraria a qualquer, mesmo alguém com as glórias de um Domingos: "Você está em condições de levar um dia o Bangú ao título". A idéia de vir a ser técnico já germinára no cérebro de Domingos, mas uma aventura não o seduzia e muito menos um compromisso de tal natureza. Não tinha convicção no êxito como treinador e respondeu com firmeza — "Não". E assim, o ano de quarenta e nove, passou-o todo ele encostado no Bangú, convivendo com as velhas amizades e aguardando os acontecimentos. Todavia, se a proposta do patrono banguense constituía um encargo que considerou demasiado para suas forças, ainda assim a idéia não morrera. Os que conviviam com ele sabiam disso, e não deixaram nunca de o aconselhar a tomar um rumo certo no assunto. Dentre eles, o Dr. Bruno foi o mais insistente, até que, atendendo a seus conselhos, passado mais de ano, resolveu prestar suas colaboração ao Olaria.

O TÉCNICO EM AÇÃO

Fomos encontrar Domingos no campo da Rua Bariri, recém-chegado da residência em Bangú, iniciando os preparativos para um proveitoso contato com seus atuais comandados. Quando assumiu a direção da equipe leopoldinense, o fez subordinado à condição de experiência, por ele próprio imposta. Não o desanimaram os primeiros resultados, e agora, passado algum tempo de exercício da função, é já um técnico contratado por mais um ano, e grandemente esperançado de realizar trabalho de alcance. Está claro que sabe o que pode esperar, não ambiçãoando mais do que o razoável, mas confia poderá mostrar à crítica alguma coisa de seu trabalho. Mas faz questão de frizar que, a exemplo do que citou sobre o Flamengo, somente conseguirá prosseguir em busca do sucesso, contando com apoio dos Jirigentes do clube. E isso está mais do que certo em obter, porque a assistência e dedicação que o diretor de futebol Adriano Rodrigues dispensa ao quadro são indício de que é bastante viável a formação de um sólido bloco, que levará o modesto team leopoldinense a uma situação de prestígio do futebol carioca.

Contando alguma coisa do seu trabalho, Domingos explicou que o sistema de trabalho que põe em prática é caracterizado pela objetividade. A orientação do jogador, para que tenha consciência do que está fazendo, é ponto primordial. As falhas de cada um corrigidas com carinho e Domingos mostra como ele próprio resolveria a situação, se ainda tivesse que envergar uma camiseta no campo da luta.



Domingos, atualmente, é um dedicado ao team do Olaria e, mesmo cercado dos mais prestimosos auxiliares, dá sua assistência a todos os setores. E quando, ao orientar o roupeiro na distribuição do material, Domingos quedou-se pensativo diante das shooteiras. Foi-se o tempo em que eram companheiros quase inseparáveis do "Divino Mestre". Mas o momento é de trabalho, e já na cancha, o atual técnico Da Guia transmite suas observações a Tangi, Maxwell e Amaro.

De José Luiz da Silva Pinto

NÃO é dos dias que correm a cobiça dos clubes cariocas pelos muitos cracks de qualidades excelentes, que deram a Porto Alegre o conceito de grande centro futebolístico. Quando o Internacional vinha ao Rio para partidas amistosas ou ainda nas excursões dos cariocas à capital sulina, choviam propostas, as mais sedutoras, para a vinda dos gaúchos. Adãozinho, Tesourinha, Nena e muitos outros ficaram talvez abalados com as grandes possibilidades oferecidas pela capital da República, mas a pressão dos clubes gaúchos sempre liquidava a questão desfavoravelmente para as pretensões cariocas. E assim os grandes cracks foram por lá ficando, somente mostrados, ou pelas aludidas idas e vindas, ou por ocasião de campeonatos brasileiros, ou ainda quando da formação das seleções nacionais. Assim se passaram anos, que o futebol gaúcho resolveu abrir mão de seus cracks. Não faltaram vozes aludindo ao fato como indicio do declínio técnico dos jogadores postos à venda. Afinal, acharam grêmios cariocas interessante a transação e aos poucos os gaúchos foram desembarcando no Rio, primeiro os já veteranos e agora até muito jogador novo, revelações que vêm tentar carreira nos clubes cariocas. E dizer-se que tenha sido mau negócio não é verdade, porque, citando entre outros, Tesourinha tem sido bastante útil ao Vasco e Adãozinho firmou-se como a maior figura do ataque rubro-negro.

A HISTÓRIA DE UM CRACK LAUREADO

E entre todos esses gaúchos que agora mostram seu futebol ao público carioca, Clarel é certamente o mais vivo. Não no futebol, é claro, pois que seus vinte e oito anos já lhe deram muitas glórias no futebol sulino, sendo até jogador laureado do Gremio, título difficilissimo que o clube dos Pampas concede aos jogadores com extensa folha de serviços prestados a suas cores. Por aí se pode avaliar o quilate do jogador que há pouco mais de um mês chegou a São Januário e foi logo considerado uma excelente aquisição. E rapidamente, é claro, porque o Flamengo também estava de olhos postos nele. Mas vamos adiante, para deixar o leitor a par da história simples do crack que agora enverga a camiseta cruzmaltina. Clarel nasceu justamente na capital do Rio Grande do Sul, aos treze de outubro de mil novecentos e vinte e dois. Contou-nos ele que o seu início no futebol foi corriqueiro. Em Porto Alegre, do mesmo modo que aqui ou em outro lugar qualquer do Brasil, a garotada do Ginásio Rosário aproveitava todas as horas vaías de aula, em movimentados "rachas". Clarel, com seus sete anos, tinha compleição robusta e não temia misturar-se aos maiores, mostrando já as suas qualidades de zagueiro. Nos anos de estudo, o futebol não passou em sua mente desse plano secundário. Confessou o crack que não alimentava sonhos em vir a tornar-se um jogador de futebol. Só de ouvir falar na classe de Domingos da Guia, o garoto gaúcho examinava o seu próprio jogo e chegava à conclusão de que bola, só mesmo com a turma do colégio. Aí sim, era uma figura e tinha os seus admiradores. E foi justamente numa partida entre equipes de colégios que Clarel foi visto por Luiz Luzi, antigo scratchman brasileiro. Demoveu-o da modéstia e garantiu que o futebol não atrapalharia os planos futuros de Faculdade. Só assim, aos quatorze anos, Clarel vestiu a primeira camisa de clube, entrando já como aspirante, no Gremio.

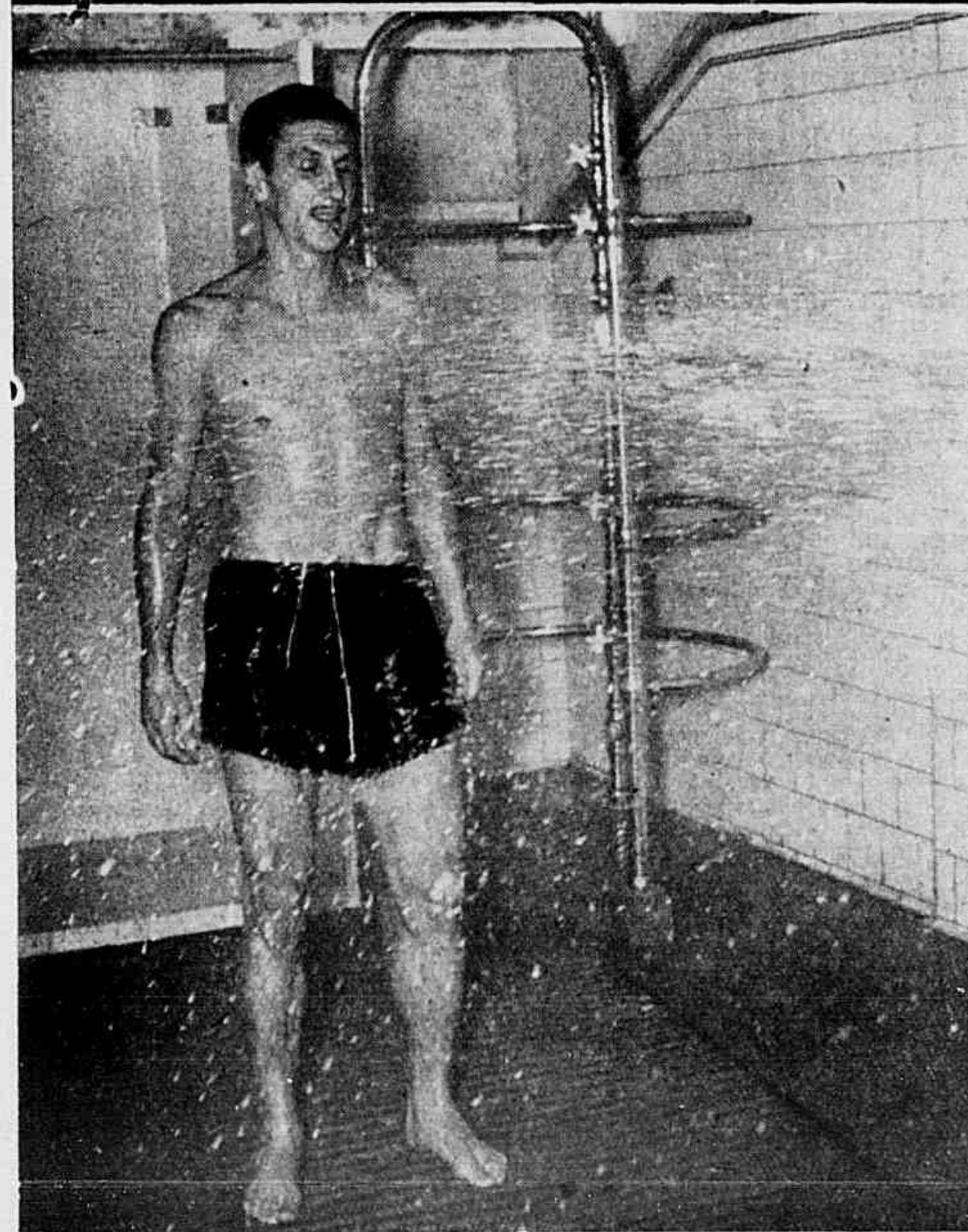
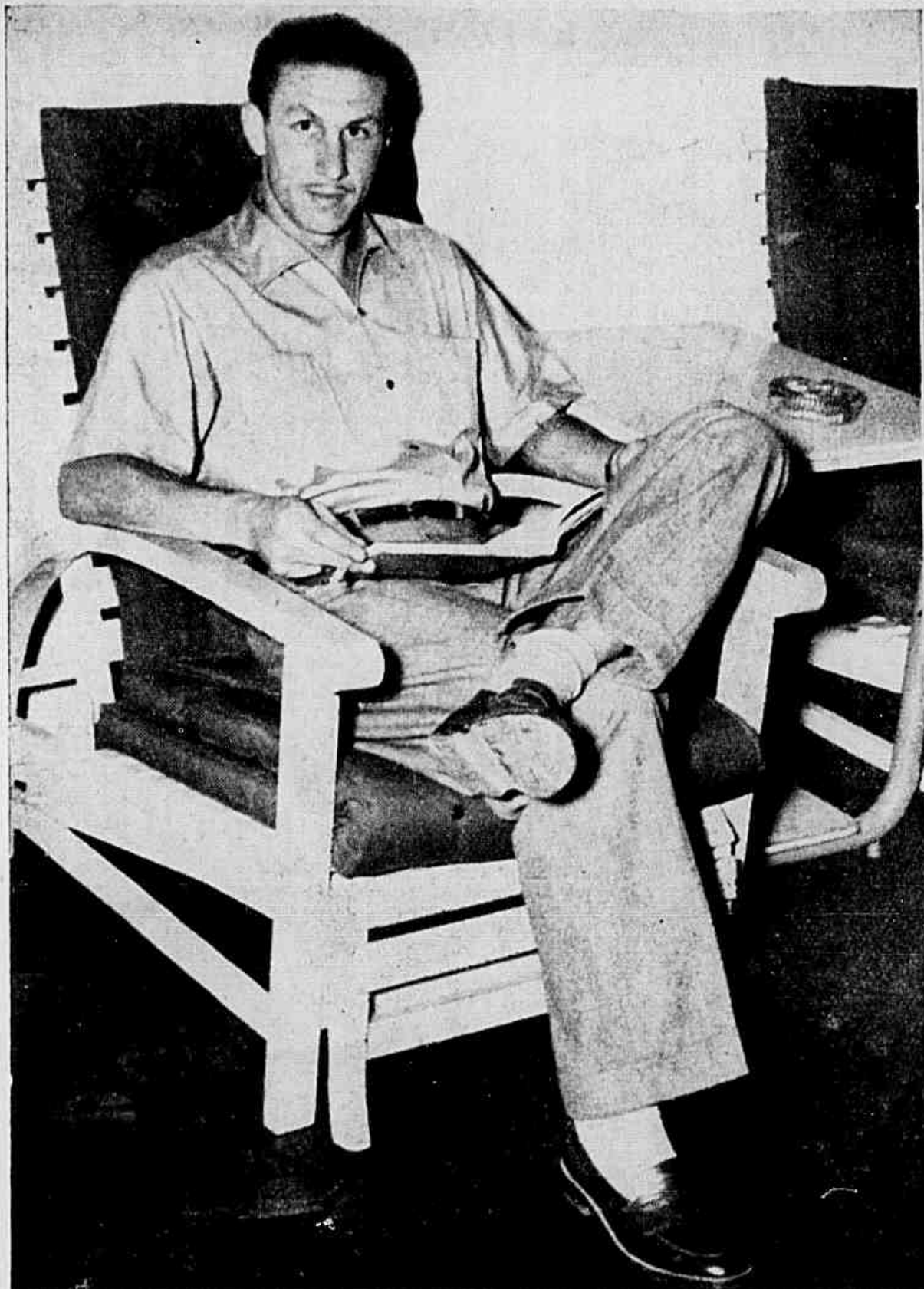
O FUTEBÓL SÓ DEU VENTURAS A CLAREL

O ambiente de clube entusiasmou deveras a Clarel. De shooteiras e com responsabilidade, passou a jogar melhor ainda e não foi difícil a sua ascensão no conceito do público. Durante dois anos jogou como amador e o aprimoramento de suas qualidades resultou numa situação de destaque cada vez maior. O estudo prosseguiu, mas não

Chimarrão, companheiro de todos os momentos do crack gaúcho

CLAREL,
o crack
laureado





como esconder, a ida para a Faculdade já não era aquela ventura luminosa dos primeiros anos, e com a chegada à casa dos dezessete, Clarel já meditava no que diziam seus amigos a propósito de suas possibilidades como profissional. Não há dúvida, era uma situação tentadora, e como acontece nesses momentos da vida de cada um, faltava apenas um detalhe, um toque para a decisão de toda a vida. Foi quando apareceu o emprego na biblioteca do Estado, motivo já gasto, mas ainda, eficiente quando um jovem quer abandonar os estudos. Nesse caso, não foi a preguiça que tirou proveito do acontecimento, pois Clarel era até um aluno aplicado, e como já frisamos, faltava apenas o dedo do destino para consumir um fato já longamente amadurecido. Foi em mil novecentos e quarenta e dois que Clarel passou a acrescentar aos serviços dados como amador do Gremio, os de jogador do primeiro team. Até hoje, não se arrependeu daquele passo, e se um título de doutor não fôsse de desprezar, também as glórias que tem tido, juntamente com os proventos auferidos, fazem com que Clarel esteja plenamente satisfeito com o rumo que seguiu. E afirma mesmo: "Não poderia ser mais feliz em qualquer outra carreira, porque nunca tive aborrecimentos no futebol".

RIO, SEDUÇÃO QUE NUNCA TEVE!

O sucesso do profissionalismo não lhe deu desejos de vir a transferir-se para um centro maior, no afã tão comum de maiores glórias. Clarel é gaúcho de coração e nunca pensou seriamente em deixar sua terra natal. Contudo, os anos foram passando divididos entre os lucros do futebol e a situação estável do emprego, e agora, ante a possibilidade de ganhar muitos milhares de cruzeiros que lhe proporcionarão um futuro sem grandes preocupações, foi que se decidiu a vir aos gramados cariocas. Disputado por Vasco e Flamengo, ficou satisfeito quando viu a situação inclinar-se para São Januário, pois no Rio, era o próprio Vasco que gostaria de defender. Já integrado no plantel cruzmaltino, Clarel acentua que não errou na preferência, pois considera o Vasco um clube ideal para o jogador que tem noção exata do que representa o futebol para si próprio. Muito bem o impressionaram as instalações do clube, onde aliás já desfrutava da simpatia de todos os companheiros.

MAIS QUATRO ANOS DE FUTEBÓL COMPLETARÃO SUA CARREIRA

Clarel chegou ao Rio e apresentado por Chico aos novos companheiros de equipe, achou graça no espanto da maioria, espanto esse provocado pela semelhança fisionômica de dois jogadores sulinos. De fato Clarel e Chico muito se parecem, sendo, por sinal, companheiros de longa data, pois que atuaram juntos no Gremio, em quarenta e dois.

Falando sobre o que ainda espera da carreira, o zagueiro vascaíno afirmou que ainda pretende jogar mais quatro anos nas melhores condições técnicas, baseando essa sua pretensão no regime de vida morigerado que tem mantido sempre. Clarel raramente fuma e bebe, só tendo realmente um vício, aliás coisa matemática no gaúcho. O chimarrão é uma de suas grandes ocupações, e quando está em período de concentração no clube, mesmo assim o mínimo de vezes que prepara a bebida é três. Mas em casa o chimarrão é para ele como o café para o carioca: a todo instante.

A chegada ao Rio deu-se justamente em pleno verão carioca, o que fez com que o crack, pensando em fixar residência, para trazer esposa e a filhinha de quatro anos, voltasse suas vistas para Copacabana, seduzido pela frescura da brisa marítima. "É longe do Vasco — explica ele, — mas a viagem compensa nos dias de calor". Para resolver o problema já pensou até num automóvel, mas o trânsito do Rio e os cálculos do futuro deixaram a idéia no tinteiro... Clarel já explicou que veio ao Rio tão somente para fazer valer o máximo seu futebol. A casa que já possui em Porto Alegre, espera ele, é apenas o princípio. Por isso, aqui no Rio somente tem em mente trabalho, deixando o gozo para dias mais calmos na sua terra.

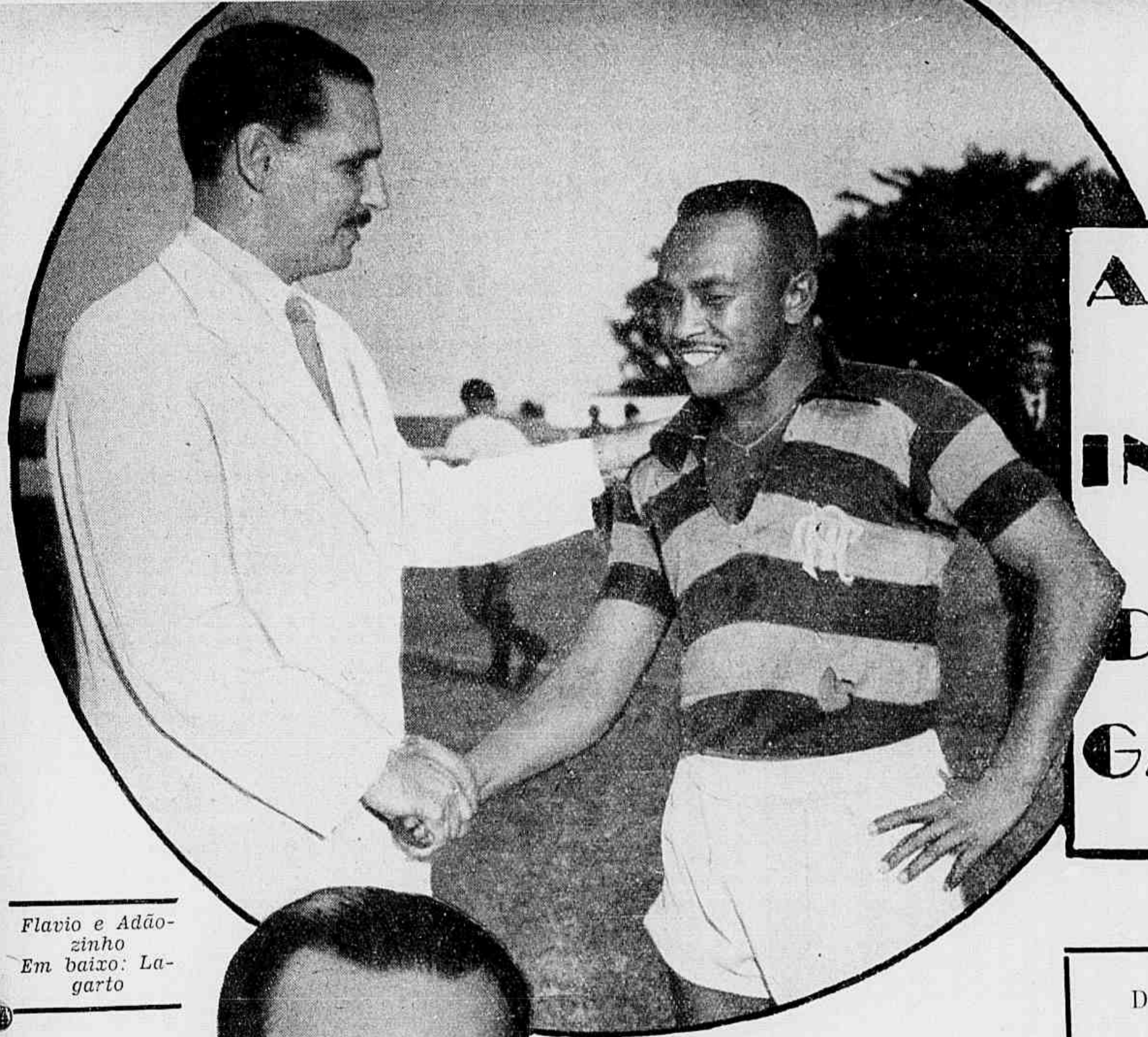
Finalizando Clarel disse-nos que teve a sua grande emoção no jogo do Gremio com o Nacional, em Montevideu, quando os brasileiros conseguiram superar a bravura oriental, vencendo por três a um. Mas agora, jogador internacional e experimentado, teve outra grande emoção, ou melhor duas grandes emoções: a estréia jogando pelo Vasco, primeiro em São Paulo e depois apresentando-se ao público carioca.

O gaúcho Clarel só lamenta um pouco o clima carioca, que o impede agora, já com algumas partidas boas jogadas pelo Vasco, e outras em que apresentou alguns altos e baixos, o jogador ainda não se sente completamente aclimatado. A providência de Copacabana, contudo, parece que aos poucos surtirá efeito, pois que o vento ameno do Atlântico servirá de bálsamo aos ardores de uma tarde de jogo. Para ilustrar essa sua estranheza pelo calor da capital, Clarel contou-nos, depois da chegada da campanha vitoriosa do Vasco em Montevideu, a facilidade que teve em atuar durante os noventa minutos mantendo quase inalterável o de atingir em campo o máximo de sua capacidade para o futebol. Até ritmo de produção. De fato, no estádio Centenário, Clarel foi um vigilante perfeito do magnífico Miguez, contribuindo assim de forma decisiva para a grande vitória do Vasco, que saldou contra o Penarol com nove jogadores Campeões do Mundo, a dívida do Maracanã.

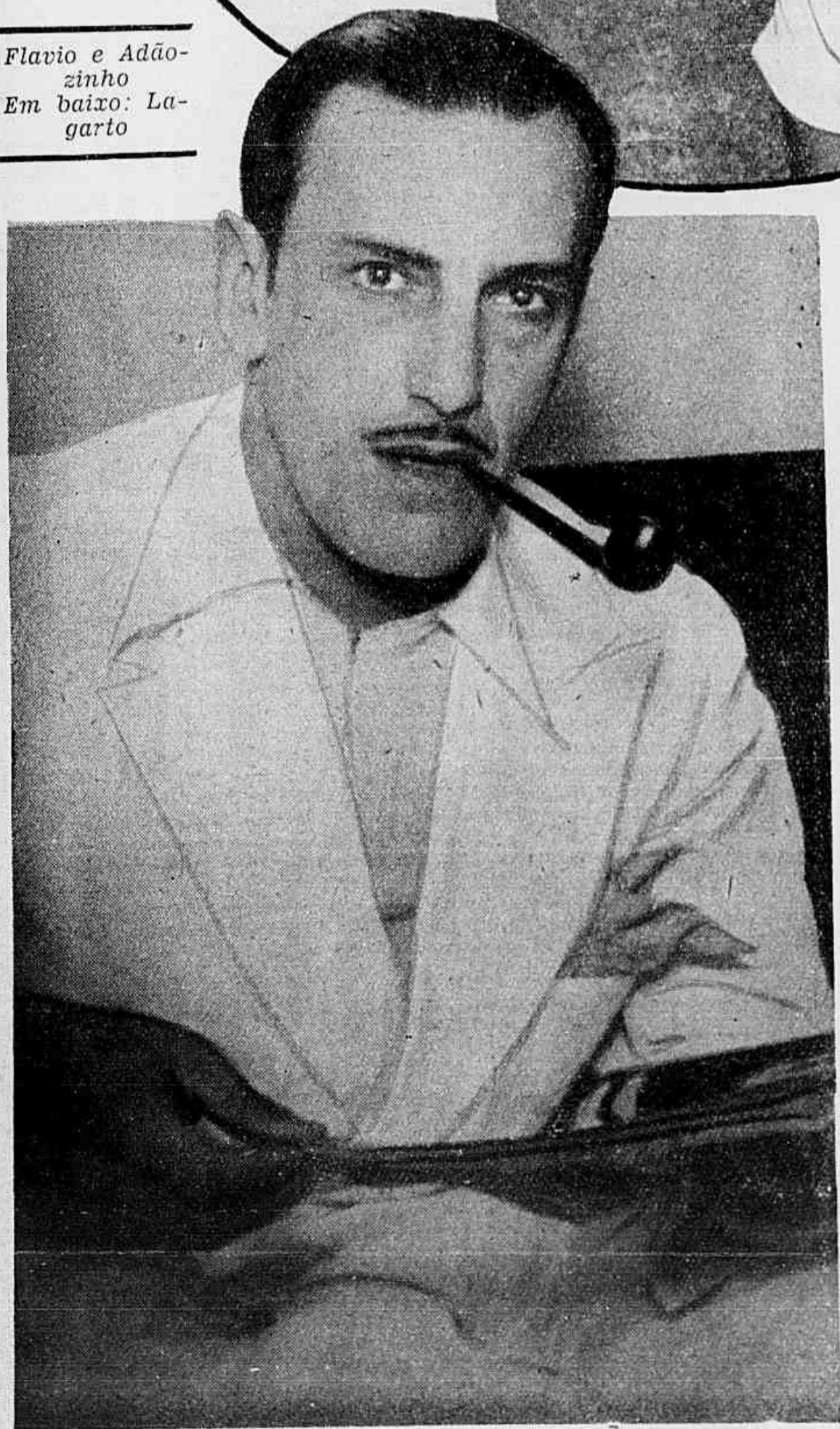
"Poupar energias é minha preocupação, visando mais quatro anos de futebol"

CABELOS BRANCOS
JUVENTUDE
ALEXANDRE
 USA-SE COMO LOÇÃO

Dr Milton de Almeida
 OUVIDOS-NARIZ-GARGANTA
 DIAGNÓSTICOS-TRATAMENTOS-OPERAÇÕES
 LARGO DA CARIOCA, 5 1º andar sala 101
 3ª 5ª SABADOS TEL 22-0707 - 28-4385



Flavio e Adão-
zinho
Em baixo: La-
garto



A INVASÃO DOS GAUCHOS

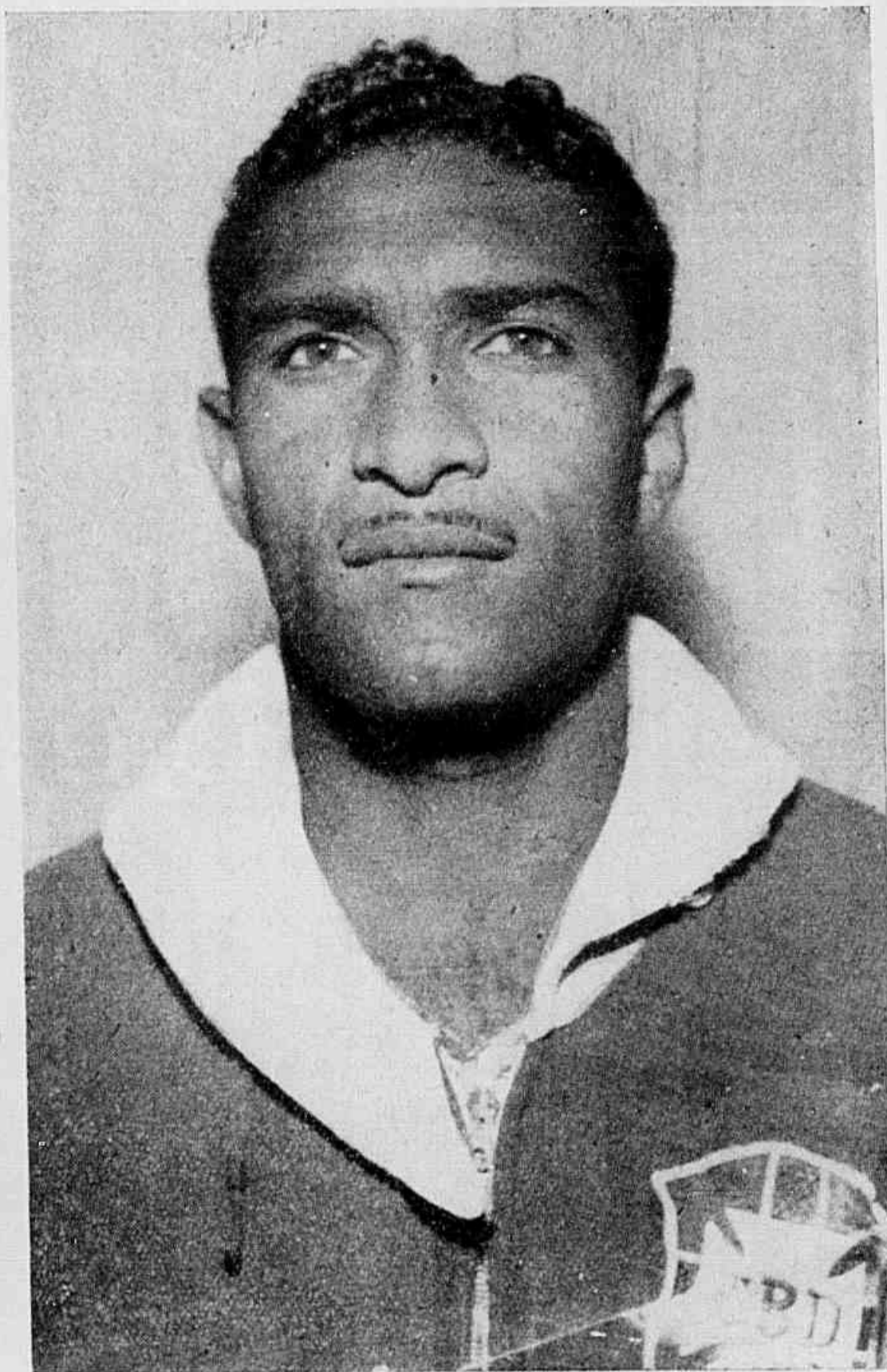
De CARLOS ARÉAS

NÃO é de hoje que eles se sentem atraídos pela Metrópole, como também não é de hoje que os clubes da Metrópole têm uma atração especial por eles: — os gauchos do futebol. Essa atração recíproca em de três décadas ou mais, desde quando por aqui andaram Sisson, Julio Kuntz Candiota, os três primeiros grandes ases sulinos de que nos lembramos. Sisson foi um center-half magnífico, campeão da cidade pelo Flamengo e integrante de seleções cariocas e nacionais. Kuntz foi um dos maiores keepers de todos os tempos. Agil, seguro, impressionante. Foi campeão também pelo Flamengo em 1920 e 1921 e mais tarde ingressou no Clube Atlético Paulistano, em cuja meta brilhou intensamente na excursão famosa de 1925 pela Europa. Foi goleiro vários anos das seleções cariocas e nacionais e inclusive campeão sul-americano de 1922. Anibal Candiota, falecido há pouco em Bagé, foi também um dos maiores meias já surgidos em campos brasileiros. Campeão carioca pelo Flamengo, scratchman da cidade e brasileiro, Candiota tinha como qualidade principal e característica a precisão dos passes. Por essa razão mesmo era conhecido no seu apogeu como "o príncipe dos passes". Entregava a bola nos pés de quem queria e quando queria, com a mais absoluta precisão. Por isso qualquer extrema que jogasse ao seu lado aparecia em destaque e chegava ao scratch pela força do jôgo de Candiota, pela permanente atividade que ele dava aos ponteiros, facilitada pela entrega da bola rolando, macia, na exata.

Depois desses três grandes expoentes do futebol gaúcho, outros ases tomaram também o caminho da metrópole. E tivemos em épocas várias, mas sempre em primeiro plano, um Severino Franco da Silva, o Lagarto, que chegou ao scratch brasileiro e carioca depois de sagrar-se campeão da cidade pelo Fluminense, em 1924, com aquele seu jôgo todo próprio, de pernas tortas como jockey, mas grande jogador em qualquer situação. Tanto ajudava bem uma defesa, como se lançava cem por cento a um ataque e sabia fazer goals com os dois pés e com a cabeça; um Moderato Wisintainer, o famoso "pestanda branca", extrema esquerda que deixava para trás os halves mais velozes, e centrava uma bola em plena corrida com a mesma facilidade com que batia um corner. Moderato jogou pelo Flamengo onde foi campeão da cidade em 1925 e 27 e integrou as seleções carioca e brasileira por vários anos, tendo participado, já no final do seu esplendor, da primeira Copa do Mundo, em 1930; um Luiz de Carvalho, center-forward de largos recursos e grande visão de goal que veio brilhar no Vasco da Gama; um Jorge Py, zagueiro firme e resolutivo, defensor do Fluminense, que encontrou morte trágica num desastre ferroviário quando o team tricolor regressava de um amistoso em Teresópolis; um Octacilio Guerra, zagueiro também, que se destacava pela alma e combatividade na defesa do Botafogo; um Poroto, também zagueiro, que atuou pelo Vasco; um Almo, center-half de linhas clássicas que jogou pelo Botafogo em 1927, participando inclusive da goleada de 9 x 2 que o alvi-negro infligiu ao Flamengo naquele ano; um Martim Silveira center-half que criou uma escola, rival de Fausto dos Santos. Enquanto Fausto era todo flama, todo dinamismo, Martim era a serenidade em pessoa, cercando a bola sem se mover, quase do centro do campo; um Adolfo Millman, o Russo, center-forward que em



Avila



Tesourinha

sua estréia no Fluminense, contra o América, fêz três goals em dez minutos de jôgo e que depois de campeão no clube tricolor chegou ao scratch carioca, ao scratch brasileiro e até ao futebol francês; um Noronha, que atuou aqui pelo Vasco, vindo da seleção sulina e que atua ainda hoje pelo S. Paulo F. C.; um Massinha, center-forward de impeto e arrojo; um Ruy, meia construtor; um Cardeal, center-forward de estilo clássico, mas que não foi feliz no Rio primeiro por acidente e depois por uma enfermidade mais seria; um Magnones, temperamental mas bom jogador; um Cesar Zanchi, ainda hoje na reserva do Botafogo, depois de ter sido um grande comandante no América; um Silvio Pirilo, que chegou ao Flamengo numa ocasião difícil, qual a de substituir Leonidas e tornou-se tri-campeão carioca e goleador tão bom quanto o fôra o "diamante negro" e que em 1948, já cansado, ainda brilhou no Botafogo ajudando o alvi-negro na conquista do título tão desejado de campeão da cidade; um Sampaio, zagueiro sobrio, mas sempre util ao Vasco e que fêz contra o Arsenal de Londres uma partida de classe; um Chico, que aqui chegou apenas rompedor, mas que burilado no Vasco tornou-se campeão e scratchman nacional; e um Avila, center-half de largas tradições no Estado sulino e que vem ditando classe no Botafogo pelo qual foi campeão carioca também em 1948.

Esse pelotão brilhante que citamos acima chegou ao Rio em fases diversas, de 1924 a 1945, mais ou menos. Depois houve uma fase em que os gauchos esqueceram o caminho da capital da República. Consequência da vontade própria dos players visados, em alguns casos, ou pelas dificuldades opostas pelos clubes na maioria das vèzes, o fato é que durante alguns anos o futebol carioca passou sem contar com reforços vindos do sempre util e valioso celeiro dos pampas. Mas nos últimos dois anos, as

fronteiras do grande Estado abriram-se novamente. E os craks gauchos invadem agora a Metrópole, trazendo o seu esforço e a sua cooperação util para o maior poderío das equipes guanabarrinas. Assim tivemos nestes últimos dois anos a vinda de Tesourinha, glória e reliquia do futebol gaúcho que acabou afinal cedendo aos cantos de sereia do Vasco; Juvenal, zagueiro destacado dos pampas, no Flamengo e vice-campeão do Mundo; Claudio, arqueiro da seleção sulina, agora no Flamengo; Luizinho, ponteiro direito scratchman gaúcho que também esteve no Flamengo e já retornou a sua terra; Gago, zagueiro que também já voltou ao Sul; Hermes, meia de qualidades, que avultou quando fêz quatro goals em Barbosa numa exibição do scratch brasileiro e que está voltando a crescer dentro do Flamengo, depois de uma fase má; e por último, este ano, ou melhor, por estes dias, Clarel, zagueiro resoluto que se está firmando no Vasco; Cabano, meia direita que também ingressou no Vasco; Adãosinho, como Avila e Tesourinha, gloria do futebol gaúcho, que ora brilha no Flamengo; Nelson Adams center-half da seleção, que vem de ingressar no Fluminense e ainda Ivo, goleiro de cartaz no sul, que vem de se fixar no Botafogo.

Esses são os últimos gauchos que invadiram a Metrópole do futebol, mas outros ha que estão ainda no sul, despertando a cobiça dos clubes cariocas e que mais dia menos dia talvez estejam também por aqui brilhando num Vasco, num Flamengo, num Botafogo, num Fluminense, num América. E entre esses poderemos apontar um Sergio, keeper de grandes qualidades, um Nena, scratchman brasileiro que tem resistido até agora ao assedio de vários clubes, um Mujica, meia de projeção, um Joni também zagueiro de largas possibilidades, um Ruaro, half esquerdo, um Salvador, center-half revelação e outros mais que nos escapam.

De Sisson e Kuntz á Nelson Adams e Ivo, valiosa tem sido a contribuição sulina ao futebol carioca.



Depois de 40
anos de iso-
lamento, vol-
ta às compe-
tições inter-
nacionais

O FOOTBALL RUSSO, ESSE DESCONHECIDO



O quadro do "Z. D. K. A.", de Moscou, do Exército Vermelho, campeão russo de 1950, e um aspecto da "torcida", no estádio do Dynamo.

(De ALBERT LAURENCE)

De qualquer modo, o fato de escolher 33 jogadores suscetíveis de formar um Selecionado nacional deve corresponder a projetos concretos. Acredita-se que o novo "scratch" da Rússia jogaria primeiro vários jogos amistosos contra Seleccionados de países "satélites" (Tchecoslováquia, Hungria, Polónia, România, Bulgária, etc.) e depois entraria na batalha oficial dos Jogos de Helsinque em 1952 (quarenta anos exatamente depois dos Jogos de Estocolmo), sem falar de uma eventual participação à Taça Jules Rimet de 1954, na Suíça, conforme os resultados obtidos em Helsinque.

A ORGANIZAÇÃO DO FUTEBOL RUSSO

A organização da temporada de futebol russo não é tão diferente da dos outros países europeus. E claro que não se pode jogar campeonatos durante o inverno quando os campos desapareciam sob mais de um metro de neve. Começam portanto as competições nos primeiros dias de abril e acabam com o fim de outubro.

O campeonato nacional de Primeira Divisão reuniu em 1950 dezenove quadros, mas serão somente quinze em 1951. Os clubes representam corporações ou entes: o famoso "Dynamo" é o clube dos sindicatos operários de fábricas de motores elétricos; o Lokomotiva, dos sindicatos de trabalhadores das estradas de ferro; o Torpedo, das fábricas de torpedos e outros engenhos similares, etc., etc. Há também o "V.V.S.", o clube das "Forças Aéreas" e sobretudo o "Z.D.K.A.", o clube da "Casa Central do Exército Vermelho", campeão da Rússia de 1951. Todos os clubes acima citados são clubes da capital soviética e o fato é que Moscou tomou a "parte do leão" no último campeonato (assim como nos precedentes aliás), pois só o Dynamo de TIBLIS conseguiu intercalar-se no terceiro lugar do "ranwing" final entre os quadros de Moscou, na ordem: Exército Vermelho, Dynamo (três pontos atrás), Spartak e Forças Aéreas. O Torpedo de Moscou só chegou no décimo lugar, precedido dos melhores clubes de Leninegrado que também se chamam "Dynamo", "Zenith", etc.

A outra grande competição é a "Taça da U.R.S.S." que reuniu em 1950 nada menos de 12.000 clubes, o que demonstra a popularidade do futebol naquele país. Claro que os "fig", na Rússia também, são "exemptos" dos primeiros turnos eliminatórios. A Taça disputa-se desde 14 anos. Foi ganha a primeira vez pelo Lokomotiva Moscou e depois pelo Spartak Moscou (4 vezes), o Exército Moscou (2 vezes), o Dynamo Moscou, o Zenith Leninegrad e o Torpedo Moscou (uma vez cada um).

O Campeonato sempre foi vencido por clubes de Moscou: o Dynamo (5 vezes), o Spartak Moscou (4 vezes), o Exército Moscou (2 vezes). Há grandes estádios como o do Dynamo de Moscou (85.000 lugares), o Gorki de Leninegrado (92.000 lugares) e o novo estádio Kirov de Leninegrado (115.000 lugares). A entrada não custa nada, mas só se pode presenciar os jogos com convites distribuídos pelos sindicatos aos "bons operários". O fato de que os es-

(Conclui na pág. 19)

QUANDO chegou aquele telegrama de Moscou nas salas de redações esportivas da Europa ocidental, fez o efeito de uma verdadeira bomba:

"MOSCOU — O Comité Nacional dos Desportos da U.R.S.S. acaba de publicar a lista oficial dos jogadores de futebol suscetíveis de formar o selecionado nacional deste país nos jogos internacionais: 33 jogadores foram escolhidos, etc..." Seguiu uma lista de nomes evidentemente desconhecidos.

DESDE OS "JOGOS" DE 1912...

Era a primeira vez, na história desportiva da U.R.S.S., isto é, desde a Primeira Guerra Mundial, que se ouvia falar em "Selecionado" nacional russo de futebol.

A última "aparição" do "scratch" russo numa competição internacional fora em 1912, no Torneio de Futebol dos Jogos Olímpicos de Estocolmo (Suécia), onde, aliás, não brilhou...

Depois, houve a guerra, a revolução, o bolchevismo, a "sovietização" do "sport" e do futebol como de todos os outros domínios da atividade humana, e durante mais ou menos 30 anos, as informações sobre o valor técnico dos jogadores russos foram pouquíssimas. Várias testemunhas afirmavam que se tratava de um futebol de alta qualidade, mas foi preciso esperar até 1945 para ver jogar em Londres, na Escócia, do modo mais inesperado, um quadro vindo da U.R.S.S.: o famoso "DYNAMO", de Moscou.

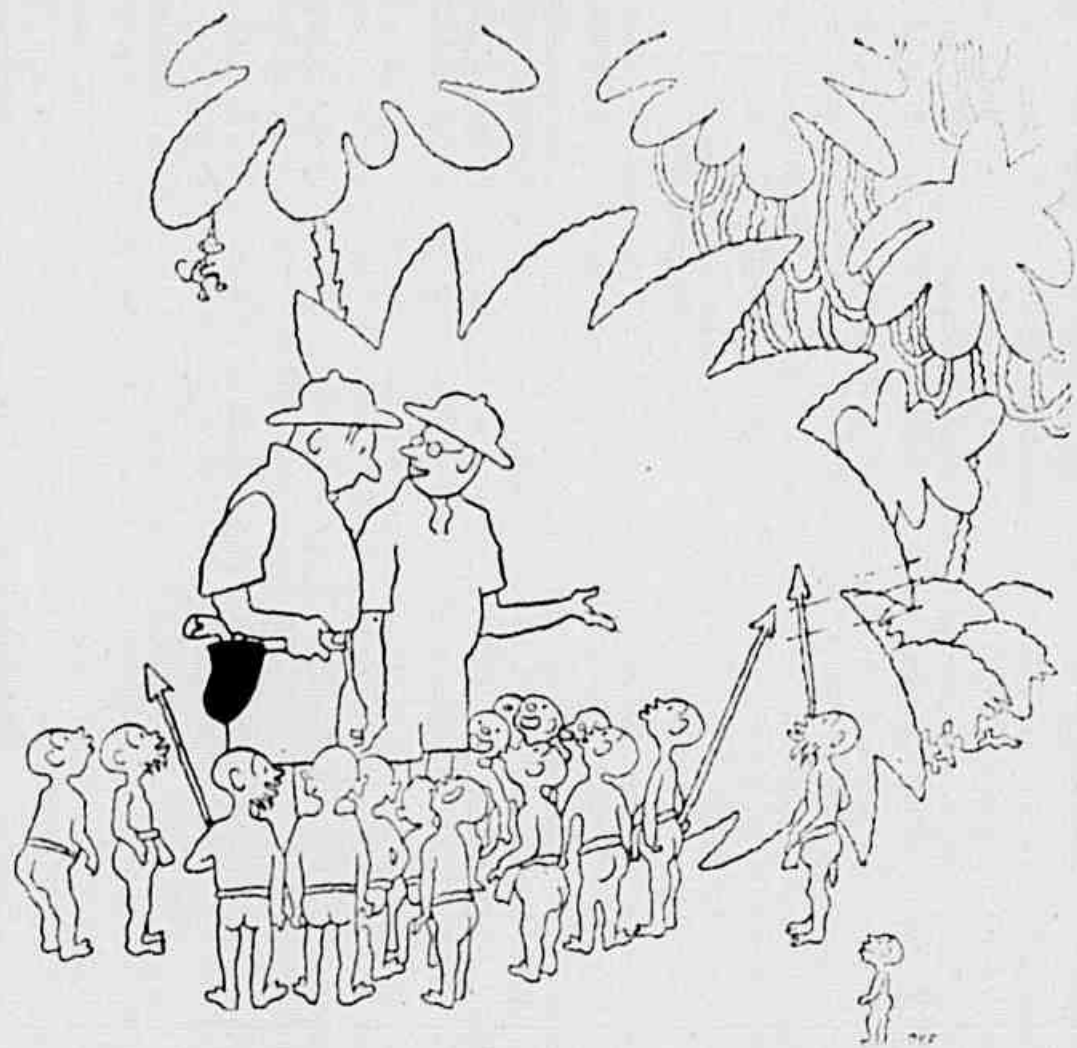
Jogaram muito bem os russos na Grã-Bretanha e saíram invictos. Invictos também acabaram um ano mais tarde em outra "tourné"

na Suécia onde, então, faziam "misérias" todos os astros da geração que hoje está impregnando nos quadros profissionais da Itália, França, Espanha, etc.

Entre as derrotas do antigo scratch da Rússia dos "czars" por 2 a 1, frente à pequena Finlândia, e por... 16 a 0 (exatamente: 16 a 0) frente à Alemanha, no Torneio de Estocolmo de 1912, e as vitórias do "Dynamo" sobre alguns dos melhores quadros de clubes da Europa democrática, havia, indiscutivelmente, uma diferença bastante sensível... Mas, até hoje, nunca a U.R.S.S. tinha formado um "Selecionado" para medir suas forças com "scratches" dos países do outro lado da "cortina de ferro" e era o que conferia ao telegrama acima seu caráter sensacional.

QUARENTA ANOS DEPOIS...

Hoje afirma-se que a Rússia está com a vontade de disputar o Torneio de Futebol dos próximos Jogos Olímpicos de Helsinque (Finlândia) em 1952. Tudo parece dar uma probabilidade de certeza à informação. A Finlândia é vizinha e "amiga" da U.R.S.S. Os atletas russos devem participar dos Jogos Olímpicos em vários "sports" e não se vê porque não participariam do Torneio de Futebol também, já que não existe "profissionalismo" na Rússia e que esta poderia, portanto, apresentar a "nata" dos seus jogadores em Helsinque, assim como o farão a Suécia, a Iugoslávia, a Dinamarca, a Austria, etc., que, todas "ignoram" também a "profissão" de footballer. E a U.R.S.S. fica regularmente filiada à F.I.F.A. e ao C.O.I.



PIGMEOS — Pelo que consegui entender, eles querem que joguemos no "team" de basket!

SABE?

- 1 — 6 a 0 foi a contagem imposta ao scratch brasileiro pelo uruguaio, em Montevideu. Em que ano?
- 2 — Qual foi o único nadador sul-americano que já atravessou o Canal da Mancha?
- 3 — Qual é o sport mais perfeito, segundo a medicina?
- 4 — Que grande clube carioca teve a sua primeira sede numa sociedade chamada Club Dansante e Recreativo Estudantino Arcos Comercial?
- 5 — Em que ano foi disputada a primeira corrida oficial de automóveis?

(Solução na pág. 21)

C A R T A Z

Um explorador inglês, viajando pelas selvas da África, deu com uma tribo jogando algo parecido com o "rugby". Um crânio humano servia de "balão"!

Em 1909, num congresso de caçadores, realizado em Nova York, ficou estabelecido que o melhor caçador é aquele que acha o maior número de caça, mata o menos possível e não deixa animais feridos atrás de si.

Os americanos afirmam que os boxeers começaram a usar luvas em 1892, quando lutaram Sullivan e Corbett, em disputa do título de campeão mundial de todos os pesos. Mas com isso não concordam os franceses, e provam que em Paris, em 1818, dois boxeers ingleses se enfrentaram com luvas acolchoadas.

O "cross-country" é uma das provas prediletas do povo russo. 140.000 concorrentes participaram da prova "Voroshilov" e 200 na "Schveenk". No auge da temporada, as corridas registam 6 milhões de competidores.



O mais importante cuidado que se deve ter com uma raquete é conservá-la seca. Depois de usada, deve ser limpa com um pano seco, guardada numa capa impermeável e colocada numa prensa.

BAÚ VELHO

UM ESCANDALO NO FUTEBOL PAULISTA

Um escândalo acaba de haver, que muito depõe contra o meio sportivo de S. Paulo.

Trata-se de um paredro do sport paulista que domingo último logrou facilmente subornar os jogadores Néco e Casemiro para que estes não viessem ao Rio defender as cores paulistas. O procedimento de semelhante pessoa foi de todo modo mal. Mas muito pior andaram aqueles jogadores, aceitando tal proposta. Esses elementos capazes de se vender é que não podem em absoluto continuar a merecer a confiança da A.P.S.A. a qual compete agora dar uma satisfação ao mundo sportivo de São Paulo. (Do "Imparcial", de junho de 1918).

30 CRUZEIROS DE PRÊMIO

Muitos séculos antes de Cristo o bilhar já era jogado pelos egípcios. E há prova de que também os gregos, 40 anos A.C., também conheciam esse jogo. Mas só em 1859 tornou-se o bilhar popular no mundo inteiro. Nesse ano, disputou-se o primeiro campeonato nos Estados Unidos, com um premio de 30 cruzeiros ao vencedor...

A marcha do tempo



O Nice dos velhos tempos exhibia, nas suas cadeiras de vine, ao lado dos astros de radio, os astros mais populares ainda do futebol, que saboreavam uma limonada e os olhares admirados dos que passavam. Ai estão Leonidas e Fausto de 1938, matando o tempo, tempo que já levou um para a sepultura e deu os quilos da idade madura a outro.

BOX E BRIGA DE GALO

Corrida Maratona

Muitas das expressões correntemente em uso no box norte-americano têm origem nas brigas de galo, um esporte cuja existência deve ser tão antiga como o proprio aparecimento dessas aves sobre a terra. Até mesmo a idéia de luvas nasceu do revestimento de couro que é colocado nos esporões dos galos para impedir ferimentos durante os treinos.

A qualquer corrida de grande resistência se costuma chamar "Corrida Maratona". E' devido à batalha de Marathona que se costuma empregar essa frase. Tendo Milciades vencido, com um diminuto exército grego, as hostes de Dario, mandou um emissario de Marathona a Athenas levar a noticia. O emissario, após haver percorrido dez milhas correndo, chegou à capital da Hélade, onde só pôde exclamar "vencemos", pois fôra tal o esforço que o súbito repouso lhe causou a morte.

ATLETISMO

Jim Fucks, recordista mundial de arremesso do peso, bateu recentemente o recorde internacional da referida modalidade em recinto fechado, atingindo a distância de 17,76 m. no Madison S. Garden de Nova York. A marca precedente também lhe pertencia, com 17,50 m. e fôra alcançada em 1950.

No decorrer do campeonato outros resultados dignos de referência se conseguiram, salientando-se os seguintes:

Conwell ganhou a corrida de 60 jardas, em 6,2 seg.; Moore as 500 j., seguido do recordista Rhoden, em 57,7 seg.; Deady as 880 j. em 1 m. 53,5 seg.; Gehrman triunfou na milha, batendo Wilt, Treex e o sueco Bengtsson, no bom tempo de 4 m. 8,2 seg.; Ashenfelter chegou primeiro à meta nas 2 milhas, com 9 m. 3 seg.; seguido de Shea e de Stone; Razzeto foi vencedor no salto em altura, com 1,94 m.; Richards ganhou a vara, com 4,53 m. e Mayer atirando o peso à distância de 16,28 m. ficou segundo no lançamento do peso, ganho por Jim Fucks.



Instrui-los ainda jovem é obrigação do técnico. Aqui, Rowe descreve como melhor aproveitar a posição a dois futuros astros. Algum dia, poderão pôr em prática os conselhos recebidos. Em segundo plano o técnico assistente Jimmy Anderson

**ESCREVE
BILLY WRIGHT**

O FOOTBALL É

O trabalho do técnico é o assunto fixado nesta

Sempre considerei o técnico de um clube como o arquiteto. É ele quem traça os planos de campanha; o treinador prepara os homens sob seus cuidados de modo a ficarem fisicamente aptos para cumprir a missão; os jogadores, depois, põem em prática as teorias do técnico.

No papel, talvez seja fácil demais; na prática não há nada mais difícil.

Há muita coisa mais na tarefa de um técnico, do que pode parecer à primeira vista. De seu a Escócia num sábado de manhã assistiu a uma turma grande de auxiliares espalhada por todo o país. Suas funções são tais como escalar o time, planejar a tática do jogo e discutir os meios e modos de melhorar o treinamento dos rapazes. Mais importante ainda, tem que interpretar todas as informações que recebe de seus caçadores de talentos (scouts, como são chamados na gíria) e contratar o astro de amanhã que talvez esteja atuando num obscuro time juvenil.

Com o desenvolvimento das viagens aéreas, os técnicos dos clubes de futebol parecem agora mais interessados que nunca na caça aos talentos. Um deles, na temporada passada, vôou para a Escócia num sábado de manhã, assistiu a uma partida de tarde, em seguida vôou para a Irlanda

onde assistiu a um match domingueiro em Dublin, e logo na segunda-feira retornou à Inglaterra para contratar outro astro. Um técnico nunca pode ficar sentado nas arquibancadas para colher o fruto dos seus trabalhos. Sempre estará pensando e planejando para o futuro. Seu pensamento tem de estar alerta, a memória viva e os ouvidos prontos na escuta das novidades. Tem de ser uma combinação de vidente, enfermeiro e detetive.

Técnicos destacados tais como o Major Frank Buckley (Leeds), Billy Dodgin (Fulham), Stanley Cullis (Wolves), Matt Busby (Manchester United) e Tom Whittaker (Arsenal), para só mencionar alguns, tornaram-se figuras nacionais. Na temporada passada foi acrescentada à lista um moço quieto que todos aclamaram como o "Técnico do ano".

Seu nome é Arthur Rowe, do Tottenham Hotspur. De ombros largos, tem a graça fácil e o pisar leve do atleta, um rosto enérgico que denuncia o jogador de futebol, enquanto os cabelos que já foram pretos estão agora misturados com fios cinzentos. Arthur Rowe é um homem que conhece a sua matéria. Seu amor ao futebol e a quem o pratica é apenas igualado pelo profundo

conhecimento do jogo. Na temporada passada, quando levou o Tottenham ao campeonato da segunda divisão, uma das ambições de Arthur Rowe no futebol, foi conquistada.

Como tantos outros homens que têm deixado prestígio na Liga de Futebol, é um exemplo real do rapaz que tem feito bonito, pois que nasceu e cresceu perto do campo do Tottenham. — Parece que foi a pouco tempo que meu pai me levou para assistir ao Spurs pela primeira vez, disse Rowe para mim, quando o fui visitar recentemente. Alguns anos mais tarde, quando passei a frequentar a escola Parkhurst, meu maior desejo era vestir a camisa do Spurs.

Arthur Rowe conseguiu satisfazer sua ambição, pois que em 1928, depois de ter feito aprendizado na posição de tapeteiro, ingressou como profissional no Tottenham Hotspur, e em 1932-33, foi centro médio do time, quando o mesmo foi promovido à primeira divisão. No ano seguinte a Football Association escalou-o como centro médio para o jogo contra a França. Arthur tornou-se o capitão do time e seu futuro parecia brilhante. Ai veio uma operação de cartilagem — a segunda — que pôs fim à carreira de jogador. Muita gente ficou matutando o que seria do ho-



Aos trinta anos, Arthur Rowe foi "captain" do team que ele idolatrava quando rapazinho. Ele é aqui visto numa atitude durante uma aula com jogadores. Ao lado, um salto do keeper do Tottenham

A MINHA VIDA

OS SEGREDOS
DO "SOCCER"

reportagem pelo famoso half-direito britânico

mem que tinha jogado partidas magníficas pelo Spurs. Porém Rowe já tinha um objetivo em vista.

— Há muito tempo estava interessado em ser técnico. Frequentemente viajava milhas para dar aulas em clubes infantis e juvenis. Além de ajudar os rapazes, queria por em prática as minhas próprias teorias. Evidentemente as mesmas deram certo, pois que quando o finado Jack Lambert do Arsenal, não pôde viajar à Hungria para ser técnico do Hungariam F.A., ofereceram-me o posto, e fui a Budapest. Esta experiência foi valiosa para mim.

Durante a guerra Rowe tornou-se um primeiro-sargento instrutor no Corpo de Educação Física do Exército, e ficou encarregado de preparar o time do Exército que jogou na Irlanda, na Grécia e na Itália. Mais tarde, foi assistente do time internacional da Inglaterra, e em 1945, quando desmobilizado, tornou-se técnico do Chelmsford City.

Sob sua chefia o Chelmsford City aumentou a reputação de praticar excelente futebol, e cedo Arthur era reconhecido como um dos maiores cérebros do futebol. Há um ano atrás, Tottenham Hotspur convidou seu antigo capitão para re-

tornar a White Hart Lane como técnico e conduzir o famoso clube do Norte de Londres novamente à primeira divisão.

Perguntei-lhe qual, na sua opinião, é o primeiro objetivo do técnico, e qual o que mais lhe impressionou quando aceitou as funções que o Spurs oferecera. Replicou: — Tornar o meu clube o melhor e o mais feliz nas partidas.

Como todos os grandes técnicos, não só acredita na simpatia humana como compreende também que os jogadores de futebol têm de ser tratados como indivíduos. — O trabalho tem de ser feito numa base individual, explicou Arthur, e deixar os rapazes dentro de suas próprias tendências. Um gosta de brincar e contar anedotas, outro tem inclinações mais sérias e pode se ofender com ditos. Um técnico tem de levar tais coisas em consideração, e conhecer os companheiros com que lida.

E sobre as partidas, táticas e métodos, dos quais depende em grande parte o sucesso e o fracasso? Na última temporada o Tottenham Spurs ganhou o título não oficial, de "Time da temporada"; assim achei interessante saber o pensamento de Rowe a esse respeito.

— Em primeiro lugar e mais importante de tudo, cada jogador tem de acreditar no sucesso da nossa tática. Um dos primeiros trabalhos que tive quando assumi a direção do Tottenham foi a de fazer que os rapazes aceitassem o meu plano tático. Acredito que houve facilidade, por causa da sua lógica. A base do nosso jogo é que a posse da bola é uma vantagem a ser explorada com rapidez, o que quer dizer muito movimento. Se não houver mobilidade, se a defesa recuar, como é moda hoje, perde-se com facilidade a vantagem que lhe falei. Não há novidade na minha teoria, e ela não pede jogadores de tipo especial. Mas todos têm de se empregar ao máximo para maior eficiência.

Expliquei isso aos jogadores, continuou Arthur, e acrescentei que haveria vantagem em se experimentar logo. Bem, como se sabe, Alf Ramsey e Eddie Baily, jogaram pela Inglaterra em vários internacionais, Ted Ditchburn, Billy Nicholson e Sonny Walters ganharam um lugar no time B, Leslie Medley foi com o time da Associação de Futebol ao Canadá, Leslie Bennett e Charlie Withers apareceram nos combinados da

(Conclusão na página 24)

Do GRAMADO para o VOLANTE



A nova profissão de PERÁCIO

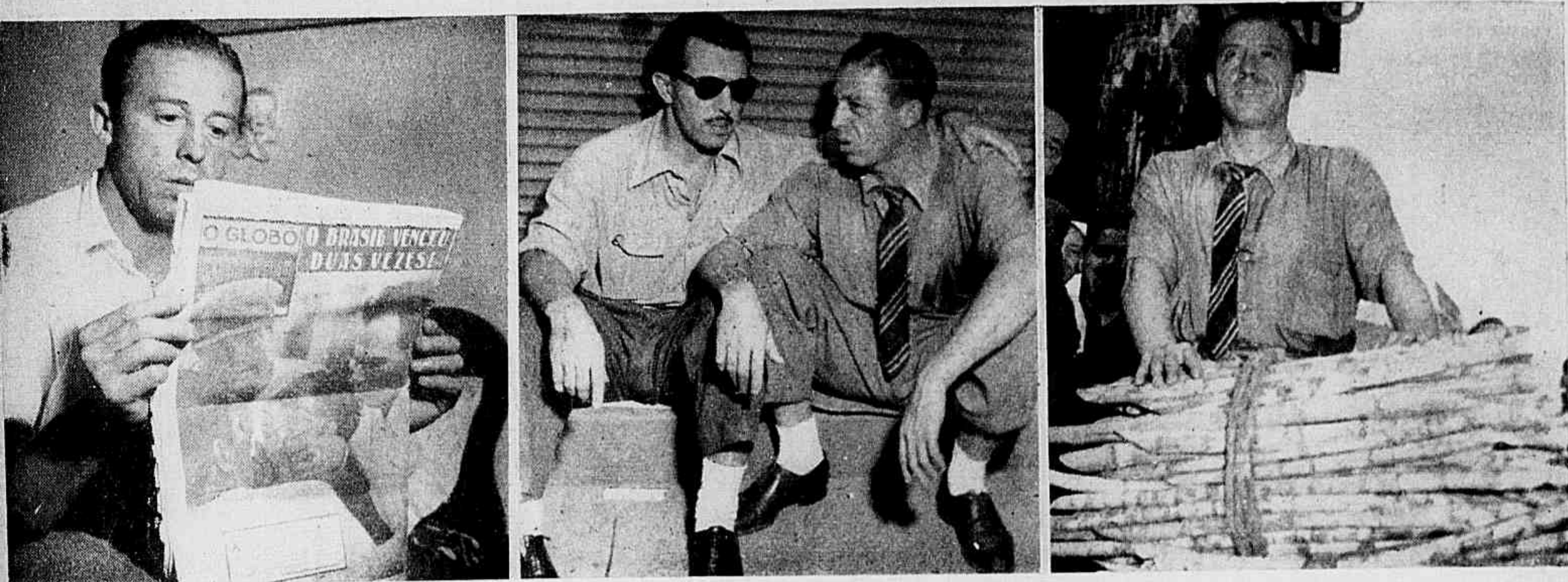
José Perácio completou trinta e dois anos de idade. Trinta e dois anos que não constituem decreto de aposentadoria para um jogador de futebol, mas que para Perácio quer dizer outro rumo nas atividades. Há muito que parou, quando ainda se esperava que pudesse render para os teams nacionais. Engordou e ao pensar em continuar a carreira em São Paulo, descobriu que o fim tinha chegado. Passou, assim, a cuidar de outra vida. E ei-lo ao volante de um carro de praça, melhor, de um auto-lotação. Ao volante, sim, que afinal sempre foi o sonho dourado de sua vida. Na época em que as vacas não eram tão gordas como as atuais, ganhou muito dinheiro. Todo o dinheiro era destinado à compras de bonitos carros e os automoveis foram a sua perdição, já que distraia a sua atenção do futebol. Por isso brigou com o Botafogo e foi para o Canto do Rio, quando era considerado um dos grandes atacantes brasileiros. O jovem que se revelara no Vila Nova e que quase ingressara no Fluminense, acabou no Botafogo. Ocorreu o mal entendido com o então presidente João Lyra Filho e Perácio atravessou a baía do Guanabara, jogando uma temporada com o team niteroiense, sob a direção de Carlos Martins da Rocha, também afastado do clube que hoje preside. José Perácio ganhou muito dinheiro, dissemos, e poderia ter conseguido mais ainda. Numa época em que havia cracks como Leonidas e Domingos, para não falar em outros nomes dos seus contemporâneos, desfrutava de invejável popularidade. E o seu sucesso nascia dos goals espetaculares que costumava a fazer, um perigo constante para os arcos adversarios. Hoje José Perácio vive tranquilamente como "chauffeur" de lotação na capital bandeirante, sem problemas para atormentar a existência. Por sinal recebe quantias apreciáveis, maiores do que no tempo em que era crack. Em média, por dia, quinhentos cruzeiros. Sobram horas para ver os outros jogarem, para discutir sobre futebol e para gastar parte da receita. Se sente saudade, não diz, pois parece satisfeito com a sua nova profissão. As vezes surpreende, ao anunciar o desejo de ser treinador. Diz-se disposto a tentar a direção de um team. Diz, mas continua na praça e vai ganhando os quinhentos cruzeiros diários da fería.



(Conclui na página 16)



O que faz José Peracio desde que abandonou as shooteiras? Aí estão os flagrantes fotográficos de Angelo Gomes, ilustrando a reportagem de Geraldo Romualdo da Silva. Agora, "chauffeur" de lotação, na capital paulista, Peracio tem uma vida mais tranquila. O trabalho, é lógico, não é dos mais faveis e obriga a esforço para a fêria compensadora. Mas o antigo crack do Botafogo e do Flamengo parece satisfeito e, mesmo quando pensa em voltar como técnico, não chega a ter coragem de anunciar como definitiva a decisão. Talvez um pouco de saudade, um pouco de recordação dos tempos em que o seu nome era gritado por milhares de bocas. Não perdeu, contudo, a popularidade. Os seus colegas continuam admirando nele o José Peracio crack e scratchman.



Não está desligado das coisas do esporte, do futebol especialmente. O menino que lá em Minas tratava da cana de assucar e que figurou entre os mais famosos players do país, hoje pode lêr os jornais e revistas da época de glórias, quase sem tristêza

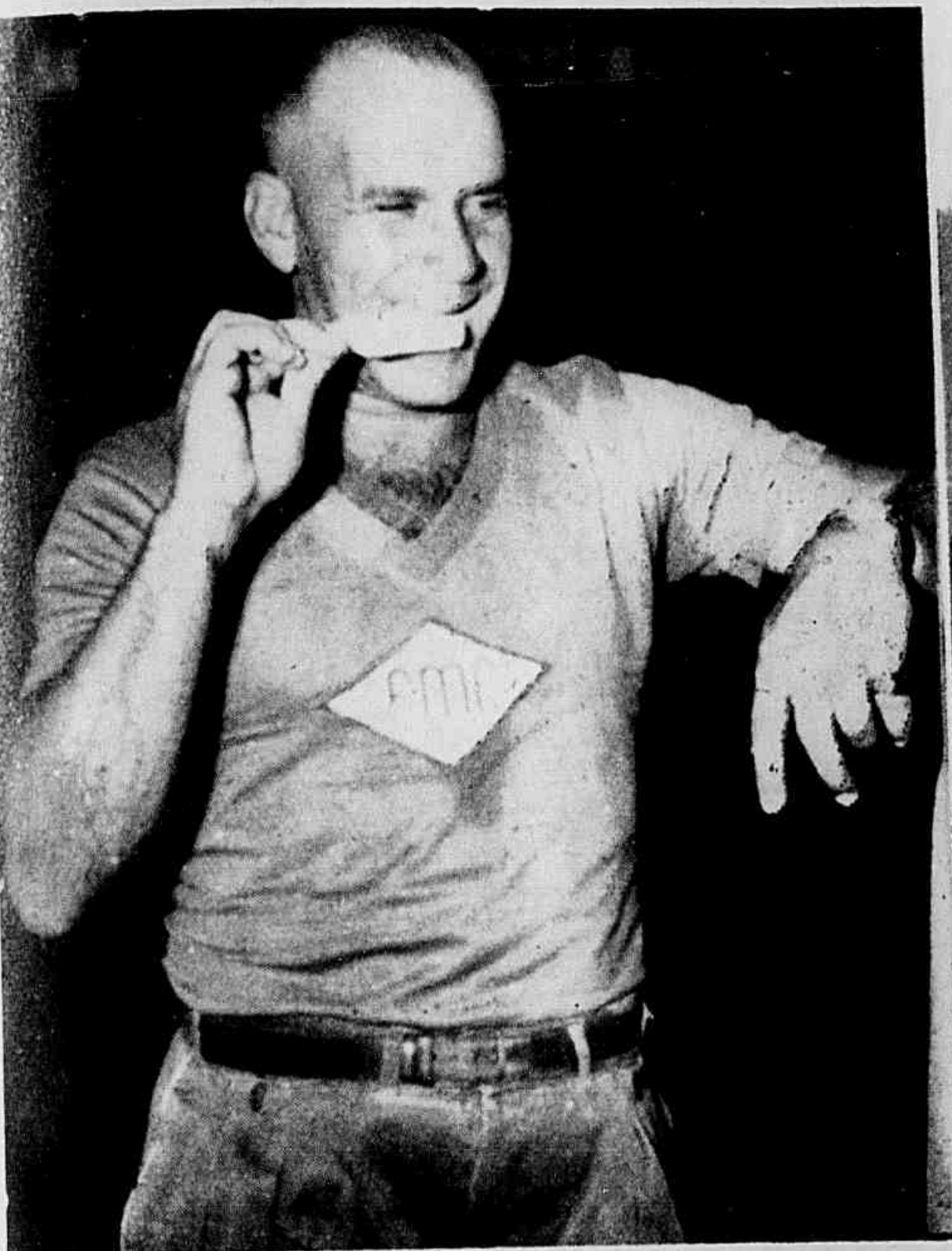
Flavio Costa, sem dúvida uma autoridade em futebol, sempre considerou Perácio como um dos grandes atacantes do Brasil. Tinha uma cabeçada fulminante e os seus "rushes" tornaram-se famosos. Quantas e quantas vezes decidiu um match, entrando valentemente na defesa e parando praticamente dentro do arco adversário. Até hoje ninguém se esqueceu da sua bravura nos encontros difíceis, devendo-se recodar da contusão que sofreu na Copa Roca de 1939, quando levou um pontapé de Leonidas na cabeça, ao intervir num lance complicado na área dos argentinos. Muitas lendas apareceram sobre a vida de Perácio e a sua ida para os campos de batalha, integrando a FEB, serviu de pretexto para um sem número de histórias. Perácio, Geninho e Bidon, entre outros, andaram assombrando os teams dos outros exércitos, nos intervalos da luta. Não trouxe medalhas por ato de bravura, mas não sofreu punições durante a campanha, provando assim que soube servir ao Brasil. Garôto-Grande, o uizo chegou tarde para o crack e a sua carreira de futebolista foi intercorrida de casos mais ou menos ruidosos. Nos momentos de paz, porém, prestava boa colaboração às suas equipes, desde o tempo do Vila Nova. Logo no início de suas atividades integrou o scratch brasileiro que disputou a Copa do Mundo de 1938, brilhando nos

gramados da França. No Botafogo foi um ídolo, como tinha sido anteriormente do clube mineiro. Depois da passagem pelo Canto do Rio surgiu no Flamengo outra vez como ídolo e, quando parou, muita gente ficou esperando pela sua volta. Engordara e saiu do Rio para tentar a vida no futebol paulista. Depois não se falou muito de Perácio, que procurava ingressar num gremio bandeirante. Soube-se, mais tarde, que Perácio e o futebol tinham trocado de mal. Optara pela profissão de "chauffeur", reencontrando-se com a sua velha paixão, o volante. Naturalmente José Perácio preferia um dia de glórias, pelo menos um dia, agora que não está tão velho assim para o futebol. Outros duraram mais, outros acabaram tarde. Ao parar, há quatro anos mais ou menos, poderia ter feito força, esquecido uns quilos, teria esticado por outras temporadas a sua carreira de crack. Acomodou-se e dirigiu a vida para o lotação. Mas, quando se escrever a história do futebol brasileiro, sem ter sido um Leonidas ou um Domingos, José Perácio terá um lugar de destaque. Não pelas suas excentricidades mas pela valentia com que entrava numa area, pelo valor de seu shoot e de sua cabeçada. Sabia usar, como poucos, a cabeça na hora de decidir um lance na porta do goal. Justamente êle, que muitos diziam não ter cabeça para certas coisas.

O "chauffeur" de lotação José Perácio não perdeu porém o bom humor e vai ganhando com sucesso a sua vida

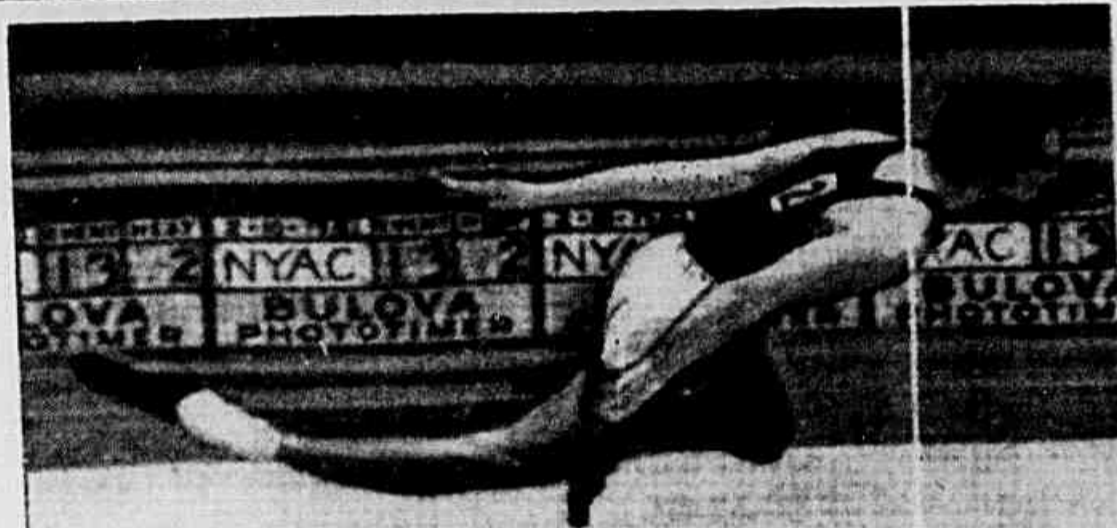


FOTO-ESPORTE



DESDENTADOS — Eis uma coleção de desdentados, vítimas da violência do rugby, que tanto empolga aos americanos, e que não desgosta os jogadores, a julgar pelo sorriso bem-humorado com que estes exibem as bocas. Aliás, dente quebrado é o menos que acontece comumente aos players.

PAUSA — Mesmo que o calor seja pouco, a arbitragem de uma partida de responsabilidade como um Vasco e Flamengo sempre dá para esquentar, ainda que se trate de um juiz experimentado como Mário Viana. E o recurso é uma pausa para refrescar, com um picolé bem saboreado.



"HOMEM PASSARO" — Numa arancada final, que lhe deu a vitória numa corrida, como indica a fita branca, um atleta americano, fixado por uma objetiva ultrarrápida, deu ensejo a este flagrante, que lhe vale agora a legenda de "Homem Passaro".

MAIS FORTE — Ela é lutadora francesa, Mimi, e ele, o marido, um funcionário público que declara viver muito feliz com a esposa, que é mais forte, mas não abusa da sua superioridade muscular.

QUEDA — Sem se impressionar com a elegância da amazona inglesa o cavalo entendeu de fazer uma parada súbita, que resultou nesta queda espetacular, mas sem nenhuma consequência para a vítima além do susto.

DE OS ABUSOS

S
U
C
C
E
S
S
O
L
I
M
P
I
C
S



DA

“CÊRA”

Um bom juiz deve saber distinguir o expediente regular de irregular

“Cêra”, no linguajar futebolístico, quer dizer “matar tempo”, é a sabotagem do jogo contrario por parte de um jogador ou de jogadores interessados em manter inalterado um resultado em perigo. Usa-se desse expediente para fracionar e deixar parado o mais possível o jogo. Acontece com isso que se ganha tempo como se enerva o adversario.

Geralmente, cabe ao guardião ser o chefe desse recurso, porque em tal situação a bola ronda sempre a area ou a meta do quadro atacado. Então, o arqueiro maliciosamente e às vezes... escandalosamente, usa os varios truques na arte da “cêra”. Finge não ouvir ou não entender o apito do árbitro, se equivoca sobre o ponto de ser posto em jogo a bola, chuta-a para fora do campo, depois do apito; finge que vai buscá-la e não vai; discute propositadamente, demoradamente; insiste em não chutar, após receber o couro dá a um seu companheiro, etc. Enfim, todos esses expedientes são bastante conhecidos pelos “fans” frequentadores dos campos do esporte-rei. A giria, há muito tempo, passou a denominar de “cêra” esse jogo ilícito.

Existe, porém, a “cêra” regular. Sim, pode-se usar muito bem o jogo de “ganhar tempo”, sem se incorrer em falta alguma, e nesse caso o juiz nada pode fazer, nem mesmo descontar o tempo perdido. Por exemplo: a “cêra” regulamentar consiste em não deter o couro que se dirige para além das linhas, quando chutado por um contrario; quando em pleno jogo o jogador interessado em fracionar e perder tempo lança a bola para fora do campo, sem revelar o propósito de mandá-la longe do local do jogo; indo devagar em busca da pelota, quando sai, pois o juiz pode obrigar um jogador a não se deter nesse serviço, mas também não pode obrigá-lo a correr. Enfim, a “cêra” feita com correção e disciplina é um expediente licito e que, talvez, possa render mais. Entretanto, é difícil vermos jogadores agir em tais ocasiões com inteligência, assim como dificilmente vemos nossos árbitros atuarem dentro das regras, deant de casos de “cêra”

A bola chutada para fora de campo é um dos recursos mais conhecidos e eficientes para fazer “cêra”.

irregular, senão de todo condenável. A "cêra", quando feita abusivamente, diz respeito à regra da incorreção. Trata-se de má conduta. De fato, a lei manda que:

— "Quando, devido à má conduta, o jogo fôr interrompido por advertência, o juiz deve dar bola ao chão".

Expulsão de campo — O jogador deve ser expulso do campo, se persistir em sua má conduta depois de advertido; quando se tornar abusivamente violento, ou se na opinião do juiz, se tornar com suas faltas pernicioso o bom andamento da partida. Se o jogador fôr expulso, sem ter cometido falta grave, deve ser cobrado, contra o seu lado, um tiro livre indireto".

Ora, um guardião ou outro jogador em plena "cêra" irregular não faz outra coisa senão desrespeitar o árbitro, na maioria das vezes zombando ou discutindo com ele, bem como acirrando os ânimos com os seus gestos deselegantes. Que deve fazer então o árbitro se é de fato um bom juiz? Deve imediatamente chamar a atenção do infrator; na 2.^a vez, ameaçá-lo de expulsão; na 3.^a levar a efeito esse castigo. No entanto, nada disso fazem os juizes indigenas. Limitam-se a descontar o tempo perdido, quando das atitudes mais escandalosas. Com esse criterio, julgam que castigam bem o infrator, mas diz de fato o desconto de tempo é uma sanção contra essa conduta ilícita, não é absolutamente um combate à má conduta, à indisciplina. Ademais, vê-se que os juizes após admoestarem o arqueiro não dão "bola ao chão", como mandam as leis.

Leia-se outra vez: "Quando, devido à má conduta, o jogo fôr interrompido por advertência, o juiz deve dar "bola ao chão".

Geralmente, vê-se que o infrator ou os infratores arruinam com tais abusos a normalidade disciplinar da luta, os juizes, erradamente, não aplicam a regra taxativamente, de modo total, porque deixam os faltosos fazer o que bem lhes parece, julgando que os estão castigando bem, como o simples desconto de tempo. Nunca sabem interpretar bem a lei do jogo os nossos apitadores, para corrigir a "cêra" irregular.

Ademais, a mesma ignorância existe por parte dos treinadores, que não sabem instruir seus jogadores como devem agir quando o arqueiro contrario usa desses expedientes. E' verdade. Entre nós, não sabemos que o arqueiro pode ser atacado, sem violencia ou perigo, quando está com a bola nas mãos. Uma vez que, por exemplo, o adversario respeite a distancia regulamentar. (10 jardas) pode ir hostilizar o guardião. E' sempre a regra que permite. Desde que não ataque o arqueiro com os pés ou pelas costas, é lícito carregá-lo. Na verdade, muitas vezes essa investida acirra os ânimos e os companheiros do guardião investem violentamente contra o adversario.

O FUTEBOL RUSSO, ESSE DESCONHECIDO

(Conclusão da página 10)

pectadores assistam aos jogos "enquadrados" por seus chefes sindicais e políticos facilita a tarefa dos juizes, cujo grande astro é Sergio Savin, atual vice-presidente da F.I.F.A.

A TÁTICA DO FURACÃO

Técnicamente, tôdas as testemunhas neutras concordam em dizer que o futebol russo é excelente. Na volta da Inglaterra, o técnico do Dynamo, Miguel JAKUSIN, declarou: "O futebol russo é o melhor do mundo". É o que fica para ser demonstrado em Helsinki e na Suíça, em 1952 e 1954.

O preparo físico dos jogadores é, de qualquer modo, perfeito, o que permite o uso de certas concepções táticas especiais baseadas sobre os recursos físicos inesgotáveis dos jogadores.

A escalação dos quadros é a mesma do "WM" ou da "diagonal", isto é, praticamente, um arqueiro, três zagueiros, dois médios e cinco atacantes. Mas ataca-se com sete jogadores e defende-se com oito, pois os médios intercalam-se com os atacantes de modo sistemático, enquanto os ponteiros vão sempre ajudar zagueiros e médios nos momentos difíceis. Por outro lado, os atacantes e os médios trocam sem trégua os postos segundo uma tática que os europeus ocidentais chamam de "furacão". Não é raro vêr os zagueiros atacar também e voltar em tempo para suas posições defensivas.

Só atletas com músculos de aço e fôlego inesgotável podem resistir a tal método de jogo.

Mas é claro que o "regime" político da U.R.S.S. impõe a todos uma disciplina e uma concepção do "sport" que permitem fazer muitas coisas difíceis de realizar em países democráticos. Haveria aliás muito mais a dizer a respeito d'este futuro concorrente temível das grandes competições mundiais do futebol, mas voltaremos a tratar do assunto em próximas crônicas.



A cobrança de uma penalidade sempre dá oportunidade para "fazer cêra". E' um abuso de que não se pode acusar Zizinho, ante-se. Os momentos finais de uma partida, quando um goal pode transformar tudo, são também às vezes aproveitados.

TESTES ESPORTIVOS



1) Quando integra o team do Vasco, este jogador ocupa a posição de:

- a) quiper
- b) extrema-esquerda
- c) center-forward.

2) A luta ficou na história do box, e nela Jack Dempsey perdeu o título para:

- a) James Braddock
- b) Geney Tunney
- c) Jess Willard.



3) Em 1936, o de camisa preta sagrou-se campeão olimpico e mundial da prova dos 1.500 metros. Chama-se:

- a) Gill Dodds.
- b) Gunder Haegg.
- c) J. E. Lovelock.



4) Neste sport, o regulamento exige que a bola tenha a circunferência máxima de:

- a) 95 cms.
- b) 80 cms.
- c) 75 cms.



5) Era famoso pelo salto que dava para alcançar a meta, e chamavam-no o "Homem mais rápido do mundo":

- a) Jesse Owens
- b) Charley Paddock
- c) Gunder Haeg.



6) Tem na cabeça um capacete para protegê-lo nas quedas frequentes que se dão nas provas de:

- a) motociclismo
 - b) rugby
 - c) patinação
- (Soluções da página 21)

BILHETES

ANTONIO SILVA — Recife — Pernambuco — 1) — Meia bola não é goal. A regra exige que a bola transponha INTEIRAMENTE a linha de meta para que seja consignado um tento. 2) — Os nomes pedidos são estes: Vitor Azambuja Monteiro Filho (Vitor), Augusto de Moraes (Agostinho), Armando Gatto (Gato), Osmar de Souza (Engruça) e Genesio Bernardino (Cola), todos os Bonsucesso; e Agenor do Nascimento (Borracha), Edesio Barbosa (Edesio), João Lemgruber de Oliveira (Lemgruber), Ederval P. da Mota (Canelinha), Heitor Corrêa Cardoso (Heitor), Waldemar Cataldi (Waldemar), José Geraldo (Geraldino), e Helio Cortes (Helio), jogadores e ex-jogadores do Canto do Rio.

HOMERO VITORIO GERMANO — S. Paulo — 1) — O endereço do Bangü é avenida Congo Vasconcelos 549. O patrono do team e presidente de honra (mas que é o presidente no duro) é o Sr. Guilherme da Silveira Filho. 2) — O Botafogo foi fundado em 12 de agosto de 1904. 3) — A maior vitória do Vasco no futebol profissional (maior em escore) foi a de 14 x 1 sobre o Canto do Rio e a maior derrota foi a de 6 x 2 ante o Flamengo. 4) — Não temos os outros dados pedidos.

JULIO TEIXEIRA — Rio de Janeiro — O Fluminense e o São Paulo disputaram em 1944 um torneio quadrangular em Montevideu com o Penarol e o Nacional sendo estes os resultados: Nacional 3 x S. Paulo 1 — Penarol 4 x Fluminense 1 — Nacional 4 x Fluminense 2 — e Penarol 5 x São Paulo 0. Como se vê quatro vitórias dos uruguaios e nenhuma dos brasileiros.

ADALBERTO FELIX ROBERTO — Cruz Alta — R. G. Sul — Os nomes pedidos são estes: Job Rodrigues de Souza, Walter Miralha Alves, Alberto Pereira Pires (Beto), Luiz Rosa e William Kepler Santa Rosa (Esquerdinha), do Flamengo; Mario Faria, Rubem José de Almeida Filho (Rubinho) e Waldir Pereira (Didi), do Fluminense; Newton dos Santos, do Botafogo, Gederval Bastos (Sula), do Bangü; Walter de Oliveira (Tuta) e Nestor Alves da Silva, ex-vascainos; Dimas Silva, do América; Sinfiriano Garcia, do Flamengo; Eduardo Lima, do Palmeiras; 2) — Em São Paulo o maior detentor de campeonatos é o Corinthians; em Minas é o América Mineiro; em Porto Alegre é o Internacional e no Rio é o Fluminense. 3) — O Jaime tem a foto do Arsenal. 4) — As dimensões máximas de um campo de futebol são de 120 de comprimento por 90 de largura. As mínimas são 90 m. por 45 m. 5) — As dimensões máximas de um campo de basket são 28m65 de comprimento por 15m24 de largura. As dimensões mínimas são 18m28 por 10m66.

MARIO BERNARDO FONSECA — Rio de Janeiro — Nos jogos de 1944, com os uruguaios, em homenagem à F. E. B. o Brasil venceu por 6 a 1 aqui no Rio e por 4 a 0 em São Paulo. Os goals do match em São Janeiro foram assinalados por Lima (2), Tesourinha, Isaias, Lelé e Ruy pelos brasileiros e Tejera pelos uruguaios. E os goals no Pacaembu foram marcados por Jair (3) e Heleno.

JULIO MOTTA ANDRADE — Janeiro — Minas — 1) — Na fila para publicação o seu desenho (caricatura) de Jair. 2) — Os mais

famosos atacantes do Brasil são Ademir e Zizinho. 3) — O quadro mais popular do Brasil parece-nos que ainda é o Flamengo

ADIR TEIXEIRA — Rio — Rejeitados os desenhos de Rafanelli, Rodrigues, Mundinho e Geninho.

ALBERTO JOORIS — Distrito Federal — Quando o Vasco e o Botafogo travaram a peleja decisiva do campeonato de 1948, estavam em igualdade de pontos na tabela do campeonato. Com a vitória que obteve, por 3 x 1, o Botafogo sagrou-se campeão com 36 pontos ganhos e 4 perdidos, ficando o Vasco em segundo, com 34 pontos ganhos e seis perdidos.

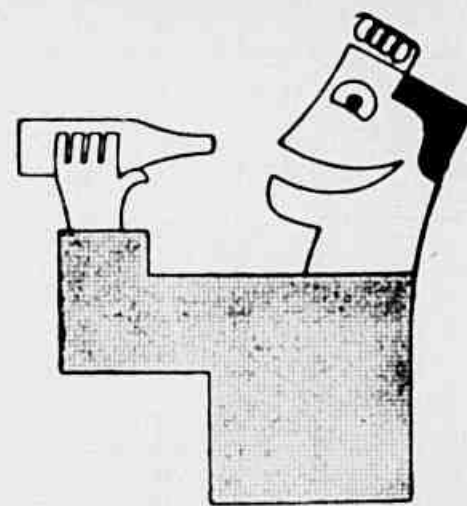
NORBERTO VALLE — Recife — Pernambuco — Na fila para publicação oportuna os seus desenhos — caricaturas de Vicente Feola, Heleno de Freitas e a charge do "professor" Flávio Costa traçando suas chaves-técnicas.

R. BRAZ — Campos — Estado do Rio — 1) — Sorriso, o center forward que o Olaria revelou em 48, deixou o football voluntariamente. 2) — A renda do jogo Bangü x Bonsucesso, no primeiro turno, foi de Cr\$ 24.683,00. 3) — Vamos transmitir abaixo o seu pedido aos demais leitores.

Aos leitores em geral: O leitor R. Braz, avenida Pelinca, 43, Campos, Estado do Rio, deseja comprar coleção de "O Globo Spor-

GRAPETTE

é uma uva...



DO LEITOR

De CARLOS ARÊAS

tivo" do nº 1 ao nº 475. Os interessados podem escrever para aquele endereço fixando condições.

José Vidal — Teresópolis — Estado do Rio — 1) — Os escores do Vasco no campeonato invicto de 1944 foram estes: **Turno:** Vasco 4 x América 2; Vasco 4 x Bangu 1; Vasco 4 x Bonsucesso 1; Vasco 3 x Olaria 3; Vasco 5 x S. Cristóvão 1; Vasco 14 (quatorze mesmo) x Canto do Rio 1; Vasco 2 x Flamengo 1; Vasco 2 x Botafogo 0; Vasco 5 x Fluminense 3; e Vasco 2 x Madureira 1. **Retorno:** Vasco 1

x América 0; Vasco 4 x Bangu 0; Vasco 3 x Bonsucesso 0; Vasco 2 x Olaria 0; Vasco 3 x São Cristóvão 1 x; Vasco 2 x Canto do Rio 1; Vasco 5 x Flamengo 2; Vasco 0 x Botafogo 0; Vasco 1 x Fluminense 1; e Vasco 2 x Madureira 1. 2) — Rejeitados os desenhos de Jaime de Almeida e Heleno de Freitas.

João Walter Gomes — Sobral — Ceará — 1) Juvenal, do Flamengo, tem 26 anos e Santos, do Botafogo, tem 25 incompletos. 2) O clube carioca que possui maior quadro social é o Vasco da Gama. 3) — O Fluminense foi campeão nos seguintes anos e com os seguintes quadros: 1906 — Waterman, Salmond e Vitor; Etchegaray, Buchan, Horácio e Ed. Cox; Oswaldo Gomes, E. Etchegaray e Clito — E. Gueden e Félix Frias. 1908 — Waterman, Vitor e Salmond; Leal, Buchan e Nestor; Oswaldo Gomes, Horácio — Ed. Cox, E. Etchegaray e Félix Frias. 1909 — Waterman, Vitor e Félix Frias; Nestor, Buchan e Mutzembecker; Wayman, Joaquim C. Santos, C. Hargraves, E. Etchegaray e A. Motta. 1911 — Baena, Pindaro e Nery; Lawrence, Amarante e Gallo; Bahiano, Oswaldo Gomes, James Calvert, Alberto Borgerth e Gustavo de Carvalho. 1917 — Marcos, Vidal e Chico Netto; Lais, Oswaldo Gomes e Fortes; Zezé, Couto, Celso, Welfare, French e Machado. 1919 — Marcos Vidal e Chico Netto; Lais, Oswaldo e Fortes, Mano, Zezé, Welfare, Machado e Bachi. 1924 (AMEA) — Haroldo, Petit e Léo; Nascimento, Floriano e Fortes; Zezé, Lagarto, Nilo, Coelho e Moura Costa. 1936 (LCF) — Batatais, Guimarães e Machado; Marcial, Brant e Orozimbo; Sobrau, Romeu, Russo, Lara e Hércules (Ivan, Mariz, Mendes, Vicentini e Raul). 1937 — Batatais, Moisés e Machado; Santa Maria, Brant e Orozimbo; Orlandinho, Romeu, Russo, Tim e Hércules (Nascimento, Guimarães, Ernesto, Milton, Sobral, Alfredinho, Celeste e Sandro). 1938 — Batatais, Guimarães, Machado; Bioró, Brant e Orozimbo; Novelli, Romeu, Fogueira, Tim e Hércules. (Nascimento, Moisés, Santamaria, Milton, Sandro e Vicente). 1940 — Batatais, Norival e Machado, Bioró, Spinelli e Malazzo, Pedro Amorim, Romeu, Milani, Tim e Hércules. (Capuano, Moisés, Guimarães, Vicentini, Mario Ramos, Brant, Rongo, Carreiro, Pedro Nunes, Russo, Cussati e Adilson). 1941 — Batatais Norival e Renganeschi; Bioró, Spinelli e Malazzo; Pedro Amorim, Romeu, Rongo, Tim e Hércules. (Capuano, Moisés, Machado, Afonsinho, Og, Juan Carlos, Russo, Pedro Nunes e Carreiro). 1946 — Robertinho, Gualter e Haroldo; Pascoal, Telesca e Bigode; Amôim, Ademir, Simões, Orlando e Lodrighes. (Pé de Valsa, Careca, Mirim, Vicentini, Juvenal).

TESTES ESPORTIVOS

(Soluções)

- 1 — (c) center-forward.
- 2 — (b) Geney Tunney.
- 3 — (c) J. E. Lovelock.
- 4 — (b) 80 centímetros.
- 5 — (b) Charley Paddock.
- 6 — (c) Patinação.

(Resposta da pág. 11)

- 1 — 1920
- 2 — Tiraboschi
- 3 — Natação
- 4 — Vasco da Gama
- 5 — 1894, na França

Uma cousa...



...exige outra



Pólvilho
Antisséptico
GRANADO



ACONTECEU

HÁ 25 ANOS

17 de Abril — Em Barcelona, o Ministério Público denuncia um team de futebol chamado "Europa", que em 1925 injuriou as autoridades, e pede dois meses de prisão para todos os jogadores. 18: O Fluminense derrota o São Cristóvão por seis a dois. Nilo fez três goals para o tricolor. O Vasco ganha do Sirio Libanês por igual contagem e também por 6 a 2 o Bangu vence o Botafogo. Regista-se, assim, o incomum score de 6 a 23 vezes numa única rodada. 19: Antonio Soler, de volta da Espanha e de passagem pelo Rio, declara que se pratica o profissionalismo naquele país. Scarone, além de casa e comida, percebe 10.000 duros por ano e 1.500 por mês. 21: O Flamengo vence o América por 5 a 0 e o Vasco, o Brasil, por 3 a 3. 23: Prossegue, no C. P. Canto do Rio, o campeonato de peteca. Em Londres, numa partida assistida por 100.000 pessoas, o Bolton Clube vence o campeonato derrotando o Manchester por 1 a 0.

HÁ 15 ANOS

17 de Abril — Gogliardo, jogando num clube da terceira divisão da Itália anuncia que deseja voltar para o Brasil. 19: O Fluminense vence o campeonato carioca de natacão. Edgard Arp, do Botafogo, estabelece novo record carioca para os 200 metros, nado de peito, com 2'55. 30: A Federação Brasileira e a C.B.D. agridem-se mutuamente em notas oficiais, a propósito da prisão do Sr. Plinio Leite. — Helen Wills abandona o tenis. 20: Zabala bate em Munique o recorde mundial de 20 quilômetros, que pertencia a Normi. 22: O Vila Nova de Minas vence o América, em Campos Sales, por 2 a 1. Mamede provoca um conflito, rebelando-se contra uma decisão do juiz. 23: Em Lisboa, Brasilino Fino vence o espanhol Alcalá aos pontos. 24: Os nadadores japoneses, que irão às Olimpíadas de Berlim, pleiteam a abolição dos saltos iniciais e as voltas na prova de natacão, por acharem que os concorrentes de pernas compridas levam uma injusta vantagem. Perácio e Alfredo, do Vila Nova, dizem que Fausto é o maior jogador do Brasil.

E HÁ 10 ANOS

17 de Abril — Barradas, zagueiro do Uruguai, será o substituto de Oswaldo, ao lado de Domingos. 20: Jarbas e Russo são, os autores do jogo Fla-Flu, no empate de 1 a 1. No Campeonato Sul Americano de Basketball em Buenos Aires, os brasileiros vencem os paraguaios por 67 a 29. O tenista brasileiro Manoel Fernandes sagra-se campeão do Chile, na categoria das "singles". Santamaria regressa de Buenos Aires, contratado pelo Flamengo. 21: Malcon Campbell, famoso recordista de velocidade, inventa um novo carro blindado e uma arma de guerra. Em São Paulo, os "veteranos" cariocas são batidos pelos paulistas, no Pacaembu, por 3 a 0. Goals de Feitiço, Frieuenreich e De Maria. 22: Os basketballers brasileiros são vencidos pelos peruanos por 48 a 28, numa partida sob a chuva. 23: Para estimular os volantes a completarem a prova o Automóvel Clube estabeleceu o prêmio de 400 réis por quilômetro vencido.

Enriqueça sua refeição com
MALZBIER da BRAHMA

Tão rica em malte, Malzbier da Brahma enriquece qualquer refeição! No seu almoço, no seu jantar... acrescenta um novo valor nutritivo com Malzbier da Brahma. Cerveja preta e levemente adocicada, Malzbier da Brahma é um prazer para o seu paladar. Tenha sempre à sua mesa Malzbier da Brahma para duplicar o valor da refeição. Devido ao seu baixo teor alcoólico e ao seu delicioso sabor, Malzbier da Brahma é a cerveja preferida de todas as famílias.

EM GARRAFAS OU ¼ GARRAFAS



OUÇA as transmissões espor-
tivas da Rádio Nacional, aos
domingos, à tarde e, aos sába-
dos, pela R. Cruzeiro do Sul.

Record

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

Contada por êle mesmo:

Abracei o pugilismo para ganhar dinheiro, e o único modo de ganhá-lo é lutar. Muito me custou chegar onde estou, e não quero perder o que consegui. Em qualquer circunstância que me ponho a pensar nisso, minha memória me leva aos meus primeiros dias de vida em Cincinnati. Nasci em Lawrenceville, no Estado da Georgia, mas minha família se mudou para Cincinnati quando eu era muito menino. Meu pai era porteiro de uma casa de apartamentos e minha família não vivia muito bem. Meus pais se divorciaram e fui morar com os avós. Pude terminar o curso primário, mas tive que tratar de trabalhar sem perda de tempo. Meu primeiro emprego foi o de lavador de carros, depois passei a ser servente de uma escola; mais tarde, entrei para uma alfaiataria, onde fazia um pouco de tudo...

Aos 14 anos de idade comecei a boxear na categoria de peso pluma. Não tardei a achar-me no topo na qualidade de amador e ganhei o campeonato de meios, no "Golden Gloves", dois anos seguidos. Enfim, venci quase todos os torneios de amadores em que intervim. Quando, por último, ingressei no profissionalismo, em 1940, consegui quinze vitórias e não fui derrotado, de modo algum, uma única vez. No ano seguinte, sim, perdi meu primeiro combate profissional com Ken Overlin, depois de ter ganho oito lutas... Em 1942 lutei e ganhei 10 combates, e deixei de boxear ao ingressar no Exército.

Ao prestar o serviço militar, fiz o mesmo que os demais soldados de meu país. Durante dois anos, desde 1942 a 1944, servi no Corpo de Transporte do V Exército. Na Itália, era nossa tarefa a carga e descarga de mercadorias, trazendo-as até às frentes onde lutava a 92.ª divisão. Sob um fogo certo e tenaz intervim em três invasões européias e africanas... Na realidade, mais do que lutar, o que fiz foi trabalhar na descarga. É possível que em alguma parte do mundo, ou em muitas partes, houvesse uma grande guerra, e embora se soubesse que eu era um pugilista bastante bom, antes de me porem o uniforme, não pareceu conveniente aos chefes enviar-me às linhas de frente... De modo que passei a guerra trabalhando na organização e realização de transportes...

Depois da guerra voltei ao ring na qualidade algo assim como um peso-pesado leve, e me conduzi muito bem até que em 1947 vi-me diante de um dos mais espantosos casos de consciência a que um homem pode ser submetido: a morte inluntaria de um semelhante. Foi em Chicago, e em meu combate com Sam Baroudi. Obtive mais um K. O. na minha vida sportiva. Mas Sam morreu depois da luta. Quando eu soube da notícia senti-me profundamente abatido, miserável. É a tragédia que obriga a perguntar: para quê o box? Eu estava desorientado: não sabia encará-los ninguém. Temia que me apontassem como um assassino. Escondia-me. Por sorte, o pai de Sam veio à minha procura e falou-me. Disse-lhe, antes que desse uma palavra, que eu estava disposto a abandonar o box. Ele me persuadiu a mudar de pensar. Fiz a única coisa que acreditava decente naquele momento: ceder toda a minha parte da bolsa ganha no combate à família do desventurado Sam Baroudi.

Antes de ingressar no Exército perdi uma luta. Durante a guerra abandonei dois com Jimmy Bivins e com Lloyd Marshall, porque a verdade é que eu não estava em forma. Não quero desculpar-me dos meus fracassos. Não sou um desses falsos desportistas que quando perdem gritam: "Fui roubado!" Perdi, e basta. É preciso saber perder e é preciso procurar não perder de novo.

Mas fiquei desgostoso depois de minha luta com Elmer Ray. Era a primeira vez que lutava no Madison Square Garden e em Nova York. Isso ocorreu em 1947. Sem dúvida que eu não aspirava a outra coisa que não fosse ganhar a luta. Desde que saí do Exército eu ganhara quinze difíceis pelepas. Durante os 10 rounds tirei chispas do corpo de Ray. Estava certo do meu triunfo penoso e elaborado, e me senti desfeito quando os juizes deram o triunfo a Ray e o árbitro levantou o braço do meu oponente... Como bom desportista, calei-me diante da injustiça. Foi o público que protestou, e especialmente um cronista, Jesse Abramson, que das páginas do "New York Herald-Tribune" disse exatamente o que segue: "Foi a decisão mais disparatada que já se viu no ring nestes últimos tempos". E acrescentou: "Charles foi tão superior e a luta tão unilateral — Charles esmurrava e o outro recebia — que os juizes não precisariam tomar nota dos pontos a não ser por mera formalidade..."

Ainda bem que me pude refazer dessa injustiça, pouco tempo depois, ao enfrentar Ray numa revanche. Depois vi caído a meu pé mais outros dois pugilistas, Jimmy Brown e Joe

A VIDA

DE

EZZARD CHARLES



Baski... A partir desse momento começou-se a falar de um encontro meu com Joe Louis. Certo é que eu não sentia nenhuma impaciência, porque considerava, sinceramente, que necessitava de mais alguns combates antes de poder enfrentá-lo com maiores probabilidades de êxito. Mas os comentaristas desportivos insistiam tanto em afirmar que eu era o único adversário capaz de oferecer um bom espetáculo que começaram a me animar. Um cronista escreveu no "New York Time": "O terreno dos pretendentes aceitáveis a tomar o título de Joe Louis ficou reduzido a um só homem: Ezzard Charles".

Eu não podia ir de uma cidade a outra sem ouvir a mesma pergunta: "Quando é a luta com Joe Louis?" Eu respondia que a idéia não me agradava, e que preferia que Joe se retirasse do ring sem uma derrota, invicto. E não negava, sem dúvida, que aspirava ao seu título. Joe deu um passo adiante para isso ao decidir o meu combate com Walcott. Ai começou o escândalo nacional... Os mesmos comentaristas que até uma semana antes haviam insistido e criado o ambiente para que eu disputasse o título com Joe, porque era o único pretendente que para eles tinha méritos, insistiam em que não se devia dar o título nem a Walcott nem a mim. As vezes afirmavam que Joe devia demonstrar que continuava sendo o campeão lutando comigo, e outras, quando Joe não queria lutar, consideravam que eu não era um pugilista bastante bom para ostentar o título de campeão mundial.

Os argumentos se amontoaram na imprensa. En-

(Continua na página seguinte)



Walcott foi um adversário de valor

quanto 46 Estados me reconheciam como o campeão mundial, as autoridades pugilísticas do Estado de Nova York continuavam opondo-se a tal coisa. Eu tinha que decidir: "Não sei com exatidão o que querem que eu faça para que me outorguem o título de campeão. Todos os críticos desportivos de Nova York reconhecem que derrotei a todos que pudessem ser adversários de Joe Louis e sabem que estou disposto a enfrentar quantos adversários me forem apresentados... Que mais pode fazer um boxeur para alcançar o cobiçado título de campeão?"

Por fim, tranquilizei-me. Não precisava impacientar-me, era dar tempo ao tempo. E eu estava disposto a esperar. Não sabia a quem ia enfrentar na próxima oportunidade, mas era inevitável que não tardaria a voltar a subir no tablado para medir-me com qualquer boxeur capacitado de minha categoria. Eu pensava no boxeur britânico Bruce Woodcock, um adversário digno, tendo em vista os seus antecedentes.

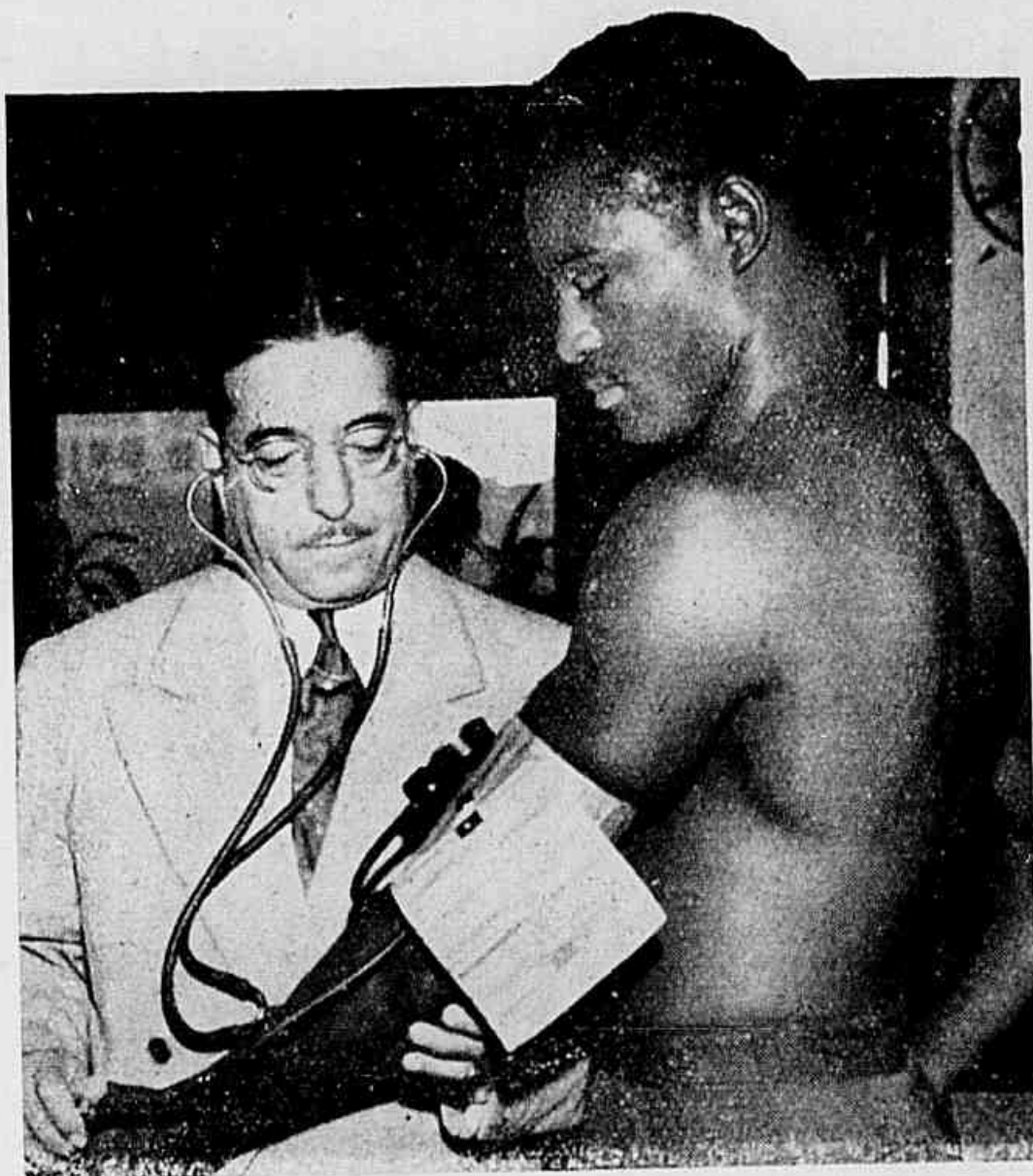
Como sabem, "Ring Magazine" classifica todos os anos os melhores pesos-pesados, e no ano passado pôs Walcott depois de mim. Seguiu-o Lee Oma, que havia ganho a seu modo de Walcott. Este, pois, estava colocado no número quatro da lista e o 5 era Lee Savold, que tem a mesma idade que Joe Louis, e a quem posso enfrentar quando queira...

Por tudo isso estava mais que convencido de que, dados os meus antecedentes, podia aspirar ao campeonato mundial enfrentando a qualquer um, e em qualquer lugar, se me fosse dada oportunidade.

E' possível que os torcedores acreditem que qualquer homem que é campeão dos pesos-pesados deve ser igual a Joe Louis, ou seja, um homem capaz de deixar em K. O. o primeiro oponente que se apresente, e ao primeiro sóco.

Minha especialidade é, e sabem os meus adversários, a velocidade e a habilidade... apesar de possuir muitos K. O. a meu favor. Mas nunca deixei de acreditar que me encontro na mesma posição em que estava Gene Tunney quando derrubou Jack Dempsey do trono. A multidão teve que reconhecer que se achava mais diante de um homem que se defendia do que atacava...

Sabia eu — e como não ia sabê-lo! — que combatendo com Joe Louis ia demonstrar à Comissão de Box do Estado de Nova York que podia chegar a ser campeão mundial. Não ia agradar-me fazê-lo, porque quero e admiro Joe Louis, mas sabia, tinha plena consciência disso, de que, dada a oportunidade, eu teria prazer



A propalada lesão no coração de Ezzard Charles não passou de ligeiro distúrbio

A coisa "está preta"



Na floresta, Zê-Barbado
Enfrentou feroz leão.
E a espingarda? Vejam só:
Esquecera o paspalhão!

P rto dêle, Barba-Feita,
Rosto liso com Gillette,
Conquista linda nativa
Que doce maçã promete...



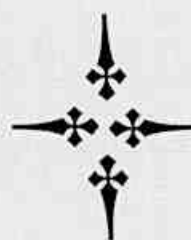
mas...

TUDO AZUL!

para os que usam

Gillette AZUL

IA-024



em por Joe Louis a K. O. Mas sabia que não ia conseguir tanto — apesar de muito querer — mas também sabia que ia vencê-lo...

Por quê tinha essa impressão? Pois vou-lhes dizer com as mesmas palavras de Joe Louis. Antes de abandonar o título, meses antes, falou-se de uma luta entre os dois. Joe escreveu um artigo intitulado: "O homem que pode derrotar-me" e nele afirmou: "Há, pelo menos, um boxeur que merece uma oportunidade para ganhar o título, do mesmo modo que Jim Braddock m'a deu quando cheguei a ser campeão. Este rapaz é Ezzard Charles, e a verdade é que tenho desejo de me defrontar com êle. Não me será fácil vencê-lo, porque aos 36 anos uma pessoa não se move com a mesma agilidade de aos 25, e talvez quando a luta termine eu já não seja campeão. E' um bom lutador que aceita desafios de quem os faz. Creio que foi no Texas, durante a guerra, que me defrontei com Charles numa exibição. Era já muito mais ligeiro que eu. Talvez não esmurre com tanta firmeza como eu, mas é rápido, muito rápido... Li que não deseja lutar comigo porque não quer ser "o rapaz que arrebatou o título de Joe Louis". E' uma frase elegante que muito aprecio, mas estou certo de que se aceito o seu desafio lutará comigo e procurará ganhar o campeonato com tanto esforço como todos os mais..."

Disse isso antes que eu lutasse com Walcott, e duplicou o meu afã de lutar com êle. Desde êsse momento não tive mais ambição, mais sonho e mais esperança que lutar contra qualquer um, e nisso ia incluído sempre o nome glorioso de Joe Louis.

O FUTEBÓL É A MINHA VIDA

(Conclusão da pág. 13)

Associação, enquanto Ronnie Burgess jogou pelo País de Gales em todos os seus internacionais.

Houve vários comentários depois da temporada sobre a mudança de estilo de Ronnie Burgess. Ronnie, um dos atacantes do nosso futebol e que joga em tôdas as posições, já está célebre pela ligeireza de suas escapadas. Sob o sistema de Rowe, entretanto, a tarefa de Ronnie é centrar a bola para os demais dianteiros, e em geral, mudar completamente o seu estilo.

— Quando sugeri tal coisa a Ronnie, êste imediatamente concordou, disse Rowe, e nós todos sabemos o sucesso que causou.

Fiz uma pergunta que sei que milhares de pessoas gostariam de fazer ao técnico de um team como o Tottenham. — O Senhor tem algum sistema especial de treinamento?

Passou um momento, e começou a explicar como as suas teorias dão certo: — Acredito em espírito de team e uma das coisas que odeio é ter de dar ordens. Sempre acreditei, quando jogava pelo Spurs, que sabia mais que os outros. O nosso finado técnico, George Hardy, era do mesmo ponto de vista, e sempre insistirei que um profissional de futebol, que baseia a sua vida nas possibilidades e na forma física, tem interesse em ostentar as melhores condições, sem necessidade de ter alguém atrás dizendo tudo o que fazer, e ainda pior, o que não fazer.

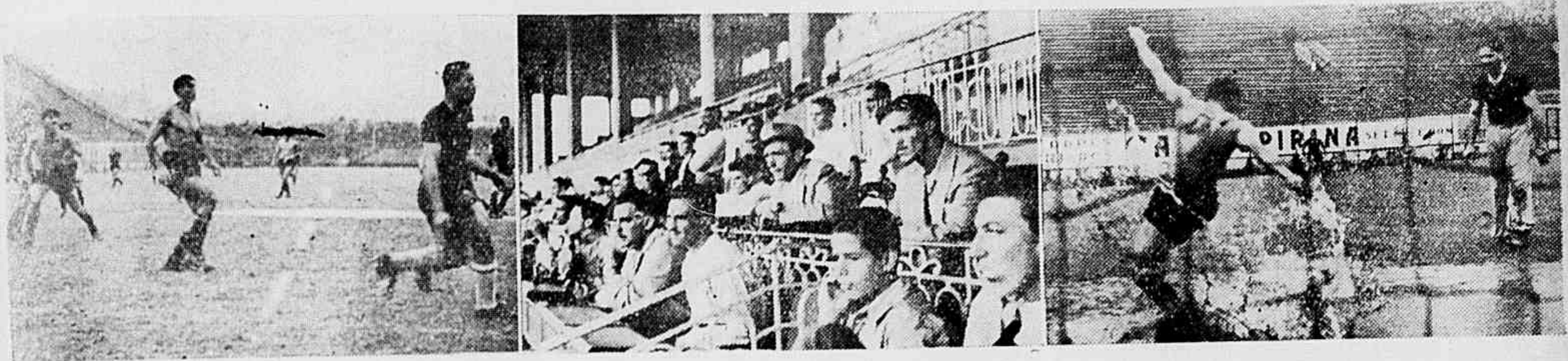
Quando os jogadores do Tottenham Hotspurs recentemente se apresentaram ao White Hart Lane para o treino, encontraram com o material, uma pequena bola de borracha. A explicação era simples. — Não tenho medo de voltar à escola para receber novas idéias, se pensar que isto pode adiantar alguma coisa aos jogadores, disse Rowe. Há pouco tempo passado vi alguns rapazes batendo uma pequena bola de borracha contra a parede, e isto me fez lembrar que, quando menino, levava horas e horas em tal brincadeira. Muitos dos melhores jogadores também assim agiram, e acham que tiveram vantagens com isso. Assim, se meus rapazes baterem bola contra a parede das arquibancadas, provavelmente farão um futebol mais ligeiro.

O que muita gente parece não entender, acrescentou Arthur, é que o tempo é espaço no futebol. Em Tottenham, por causa disso, tudo fazemos rapidamente. Sob meu ponto de vista, é uma norma que os teams do Continente usam com bastante sucesso.

Mais uma vez concordei com o homem que é um dos "crânios" mais entusiasmados do futebol; sente-se isso no inteligente contacto com os "players" e que tem desempenhado parte importante nas grandes vitórias de seu team na última temporada.

O futebol não morrerá enquanto existirem homens como êsse.

Um treino sob temporal



A torcida carioca teve frustrada pela chuva a imensa expectativa pela apresentação dos uruguayos — dentre eles vários campeões do mundo — pela primeira vez, após a sensacional façanha com que os orientais nos arrebataram a conquista, tida como certa para nós. E quando o Vasco, indo a Montevidéu, antecedido por discretas atuações no Torneio Rio-São Paulo, conseguiu aquela vitória empolgante, a torcida vibrou. A significação foi de muito maior alcance porque não se tratou de uma simples vitória de quadros brasileiros em Montevidéu após a Copa do Mundo. A importância do match residiu justamente no fato de o Vasco realizar uma soberba exibição de futebol, acertando em tôdas as linhas, e obrigando os campeões do mundo a rebuscar tôda sorte de justi-

ficativas, inclusive a da falta de preparo em conjunto. Mas a verdade é que aquela multidão que encheu o Estádio Centenário, não foi lá apenas para ver os seus cracks jogar com restritas possibilidades ante os primeiros brasileiros que apareciam pela capital uruguaia depois da surpresa da Copa do Mundo. A vitória estava nos cálculos dos valorosos campeões do mundo, mas tudo saiu errado, porque os representantes do futebol brasileiro, jogando seu verdadeiro jôgo, liquidaram com o team do Penarol, anulando inteiramente os esforços de Obdulio Varela, Gigghia, Miguez, Schiaffino e outros cracks campeões do mundo.



Por tudo isso, ansiosa por ver os seus cracks reeditarem o sucesso de Montevidéu, é que a torcida aguardava com tremenda expectativa a oportunidade de ver, no mesmo Estádio Municipal, os cracks do Penarol. Infelizmente, depois de uma semana agitada, com os sucessivos adiamentos da chegada dos vencedores dos campeões do mundo, e por fim da recepção entusiástica à delegação cruzmaltina, o público viu frustrado, pelo temporal que assolou a cidade, o desejo de assistir ao match de proporções incalculáveis. Todavia, o domingo, nem por isso, foi perdido, porque a despeito das incessantes chuvas, os uruguayos, tão pronto foi decidido o adiamento da pugna, providenciaram logo a autorização para realizar um treino de conjunto, escolhendo para tal o estádio

de São Januário. Assim, se o grande público teve que adiar o desejo de ver novamente em choque brasileiros e uruguayos, uma pequena e privilegiada assistência teve oportunidade de ver jogar muitos campeões do mundo, num treino, é verdade, mas que teve características das mais interessantes. O estado do terreno em São Januário não impediu que os cracks do Penarol se empregassem a fundo, e os clichês acima ilustram com interesse a tarde do estádio cruzmaltino. Tanto os jogadores visitantes estiveram grandemente empenhados, como a assistência acompanhou com interesse a atuação dos cracks. E dentre os que assistiram, aparecem em primeiro plano os vascaínos Friaça e Ademar.

Campeões do mundo em São Januario



Logo à chegada ao Rio, abordados pela reportagem, Hirsh e os jogadores foram unânimes em dar como causa dos três a zero, de Montevideu, a falta de preparo conjuntivo da equipe vice-campeã do Uruguai. Alegam que o quadro, conquanto fisicamente bem preparado, careceu de se empenhar em partidas nos últimos tempos. Assim, terminado o campeonato oficial em dezembro do ano passado, jogando pela última vez com o Rampla Junior, entraram os cracks em dois meses de repouso, voltando então a jogar apenas em amistosos. E acrescentam que o último desses encontros foi efetivado quinze dias antes do encontro com o Vasco. Daí justificarem que a equipe não produziu um padrão de jogo com os valores que a integram. Mas depois dos três a zero, a direção

técnica uruguaia tomou todas as medidas para que no Rio o Penarol esteja capacitado para repetir uma grande façanha. E' verdade que já agora os uruguaios não esperam mais o handicap surpresa, mas ainda assim estão dispostos a dar tudo em campo, para lutar tenazmente por uma vitória que eleve o prestígio dos campeões do mundo. Para isso eles haviam ido ao Estádio Municipal para um reconhecimento do terreno da luta. E tão logo obtiveram a permissão do presidente Otávio Póvoa, transportaram-se para São Januario, no afã de não se deixarem tomar pela lassidão que as condições climáticas propiciam.



Por isso, mesmo sem jogar, os uruguaios deram a nota sensacional do domingo de chuva sem futebol. Hirsh, vendo o jogo com o Vasco adiado, pensou logo no compromisso com o Palmeiras, no Pacaembu, e metido em ampla capa, exigiu de seus cracks o máximo que o terreno permitiu. E durante mais ou menos cinquenta minutos os uruguaios, com três reservas cruzmaltinos, integrando uma das equipes, realizaram puxado treinamento, em que tivemos oportunidade de ver os vários campeões do mundo em ação. As poças d'água e o terreno escorregadio não foram empecilho à efetivação de alguns lances do melhor quilate. Hirsh esteve em grande atividade, dando ordens severas e muitas instruções a seus comandados. Falando em seguida, à reportagem, o preparador do Penarol asseverou que, apesar das dificuldades, o treinamento teve

um bom resultado e já agora confia que o seu quadro possa elevar sensivelmente o seu nível de rendimento técnico. E os jogadores do Vasco devem estar preparados para tudo, por parte dos uruguaios, porque, dentro de seu otimismo, Hirsh disse que o quadro produzirá muito mais, esperando sessenta por cento de suas possibilidades normais... Os leitores poderão apreciar vários aspectos da inesperada tarde esportiva de São Januario. Em cima, terminado o treino, os jogadores ganham o túnel do estádio, inteiramente enlameados. A seguir, Maspoli, o veterano e excelente goleiro, num flagrante. Obdulio Varela, famoso por tantos motivos, apanhado pela objetiva, coisa que sempre provoca alguns protestos de sua parte... Em baixo, duas fases do treino, com que os uruguaios aproveitaram a inatividade do domingo.

DIMAS

QUANDO DIMAS FOI TROCADO POR LIMA MUITA GENTE PENSOU QUE HAVIA CHEGADO O FIM DA CARREIRA DE DIMAS



NO VASCO TEREI MUITO MAIS OPORTUNIDADES DE APARECER... E OS "BICHOS" SÃO MAIORES!

O QUE SERÁ DE MIM NO AMÉRICA?



MAS O AMÉRICA SUBIU REPENTINAMENTE E DIMAS TEVE CHANCE DE MOSTRAR QUANTO AINDA VALIA



ESTA É UMA FOTO RARA DE DIMAS. É DE QUANDO ELE JOGAVA NO "TUPI" DE JUIZ DE FORA ...

LIMA NO ENTANTO NÃO FOI MUITO FELIZ NO VASCO. QUASE SEMPRE FICAVA NA "CÊRCA" VENDO OS OUTROS JOGAR

QUE SAUDADES DO AMÉRICA...

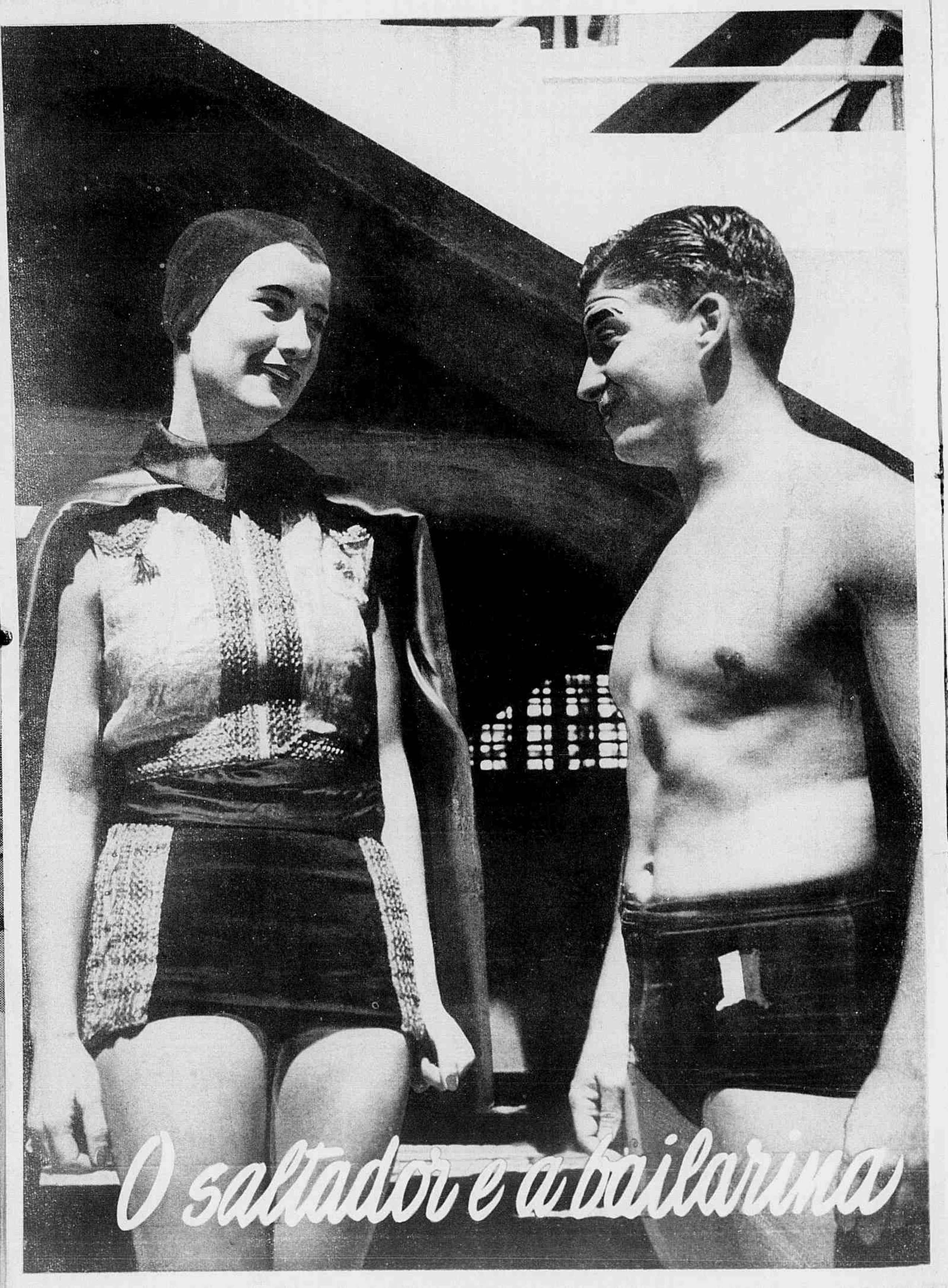


E DIMAS - QUE PARA MUITOS - ESTAVA CONDENADO A OBSCURIDADE ESTÁ NO APOGEU DE SUA CARREIRA

O DIMAS ESTÁ UMA FERA... EM PLENA FORMA!

SE ÉLE FOR PARA O FLAMENGO ACABARA NO SCRATCH...





O saltador e a bailarina